

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

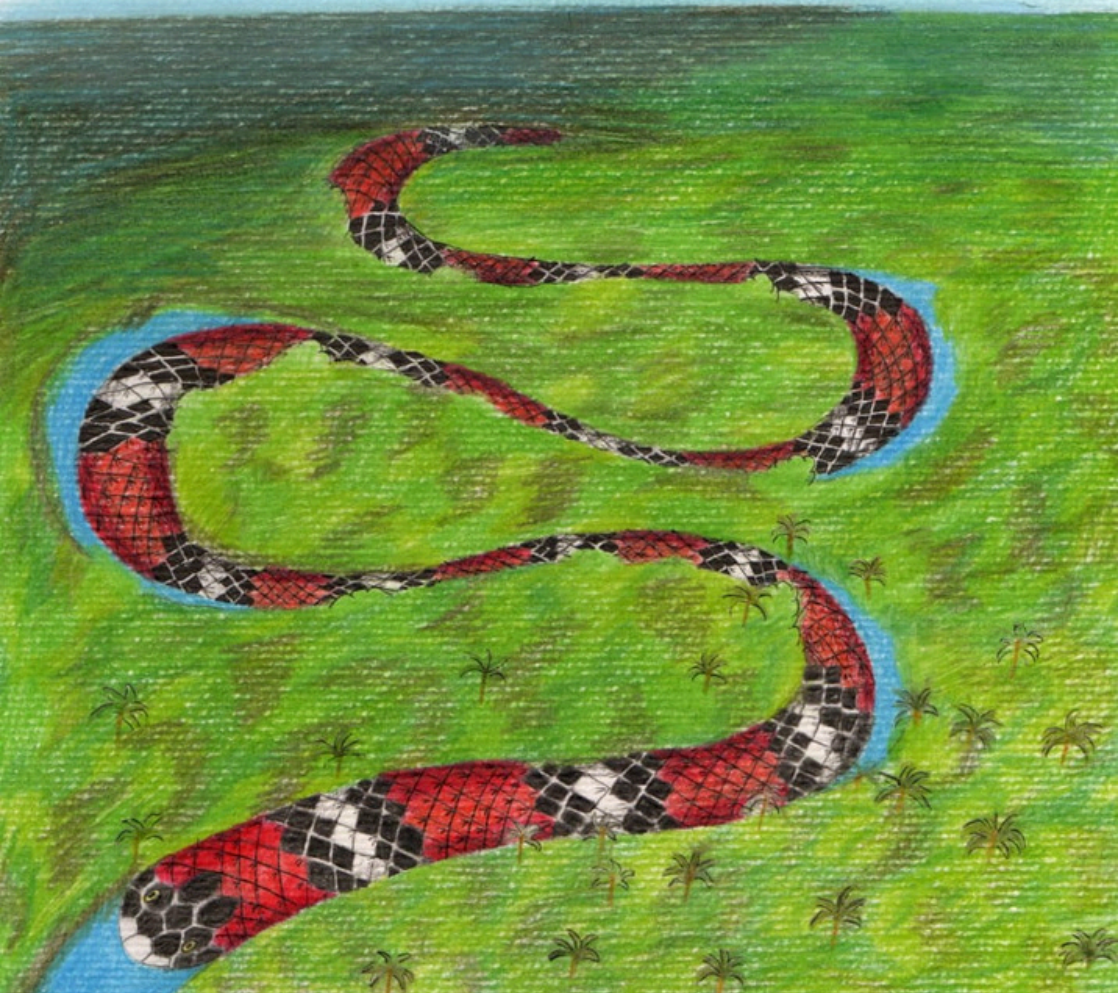
**Contribuições do Povo Apurinã para a
Educação Profissional e Tecnológica**

**Imarutxi yruwãky: Pupykary wãka sikakytxi imarutxi
parikawatximunhi e watxamarutxi**

Antônio Pereira Sobrinho

Lediane Fani Felzke

Sandra A. F. Lopes Ferrari



**ANTÔNIO PEREIRA SOBRINHO
LEDIANE FANI FELZKE
SANDRA A. F. LOPES FERRARI**

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
Contribuições do Povo Apurinã para a
Educação Profissional e Tecnológica**

**Imarutxi yruwãky:
Pupykary wãka sikakytxi imarutxi parikawatximunhi
e watzamarutxi**

**PORTO VELHO-RO
2025**



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA (IFRO)

ProfEPT - Programa de Mestrado Profissional em Educação
Profissional e Tecnológica

Organizadoras(es) Antônio Pereira Sobrinho
Lediane Fani Felzke
Sandra A. F. Lopes Ferrari

Colaboradoras (es) Angelita Feliciano
Francisco Marques
Maria Elza
João Batista da Silva
José Inácio da Silva
Maria Batista

Ilustração de Capa Jhenifer Macedo

Design do Produto Ana Cristina Silva Romão
Pedro Ribeiro dos Santos

P436 Pereira Sobrinho, Antônio
Educação inclusiva: contribuições do Povo Apurinã para a Educação
Profissional e Tecnológica / Antônio Pereira Sobrinho, Lediane Fani
Felzke; Sandra A. F. Lopes Ferrari(orgs.) – Porto Velho : IFRO, 2025.

80 p. : il. color.

E-book

Título no idioma Apurinã: Imarutxi yruwáky: Pupykary wáka sikakytxi
imarutxi parikawatximunhi e watxamarutxi

ISBN: 978-65-01-40716-6

1. Educação profissional e Tecnológica. 2. Princípio da
omnilateralidade. 3. Povo Apurinã. I. Felzke, Lediane Fani. II. Ferrari,
Sandra A. F. IV. Título.

CDD 378

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Cleuza Diogo Antunes CRB 11/864

As imagens de vetores utilizadas neste livreto foram obtidas no banco de imagens gratuitas do Google.



O trabalho EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Contribuições do povo Apurinã para a Educação Profissional e Tecnológica, de Antônio Pereira Sobrinho, Lediane Fani Felzke e Sandra A. F. Lopes Ferrari está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.



SUMÁRIO

- 05 Apresentação
-
- 07 Autoras(es) Entrevistadas(os)
-
- 16 Meu lugar, minha trajetória
-
- 23 A vida dos Apurinã no contexto urbano de Lábrea
-
- 26 Cosmologia Apurinã: Narrativas de Origem
-
- 34 Nascimento de Tsura
-
- 41 Narrativa de José Inácio sobre o deus Tsura
-
- 59 O Pajé Apurinã de acordo com a narrativa do senhor José Inácio
-
- 72 Contribuições dos saberes indígenas para o mundo dos brancos
-
- 77 Referências

APRESENTAÇÃO

5

Esse livro paradidático é resultado de uma pesquisa realizada por mim, **Antonio Pereira Sobrinho**, da etnia Apurinã, do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, do Instituto Federal de Rondônia – IFRO. Está situado na linha de pesquisa Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos em Educação Profissional e Tecnológica, dentro do Macroprojeto Organização do Currículo Integrado na EPT.

Faço aqui um breve relato das experiências vividas em minha comunidade e na área urbana, bem como as conquistas concretizadas por meio da educação, mas o foco principal são as entrevistas realizadas com seis indígenas Apurinã da zona urbana de Lábrea-AM. Este trabalho foi realizado em colaboração com as professoras Lediane Fani Felzke e Sandra A. F. Lopes Ferrari.

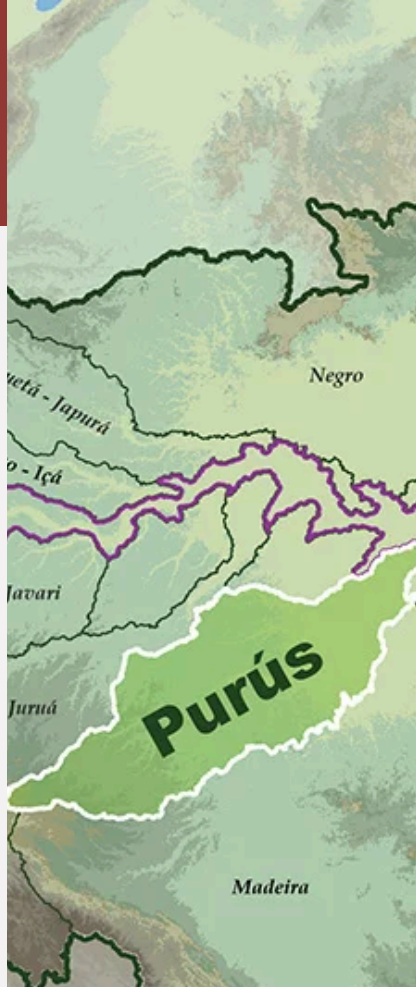


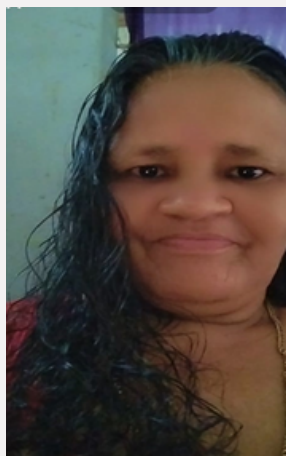
Imagem: Mapa do Rio Purús
Fonte: Águas Amazônicas

Este produto é de grande importância para o ramo da Educação Profissional e Tecnológica, pois traz ao público um conhecimento que pouco se vê nas escolas, o conhecimento cosmológico do povo Apurinã que reside no município de Lábrea-AM.

Os povos indígenas estão em todas as partes do Brasil, afinal já estavam aqui milhares de anos antes do Brasil ser colonizado. Ocorre que muitas mentes são desconhecedoras destes povos. Infelizmente, ainda hoje, muitas pessoas que estão na academia “fecham os olhos” para os povos originários, não mostrando aos discentes de onde nosso Brasil começou a ser construído, então ficamos gratos em poder colaborar. Espero que os professores e gestores gostem deste material, que tenham uma boa reflexão e que ele seja incorporado aos currículos e às ementas das disciplinas dos cursos técnicos dos Institutos Federais espalhados pelo país. Desta forma a rede IF estará contribuindo para a implementação da Lei 11.645/2008 e para o atendimento dos princípios de omnilateralidade e educação integral que compõem as bases teóricas da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). O princípio da omnilateralidade diz respeito ao desenvolvimento integral do ser humano em suas dimensões intelectual, prática, ética e cultural.

Aproveito para agradecer a minha família que fez com que eu tenha adquirido alguns conhecimentos de sobrevivência e comportamento durante cada etapa aqui relatada. Agradeço.

AUTORAS(ES) COLABORADORAS(OS)



ANGELITA FELICIANO

64 anos, indígena pertencente ao povo Apurinã.

Morou muitos anos em comunidade ribeirinha, ajudou realizar muitos partos nas comunidades. Sabe fazer crochê, vassoura, abano, peneira, diante de suas falas diz que sempre ajudou a comunidade e família no que sabia fazer de melhor.



FRANCISCO MARQUES

62 anos, apurinã que nasceu em comunidade ribeirinha.

Sempre realizou atividade extrativista com seu pai desde os oito anos, tanto em lavoura, castanhais e seringais. Com uma vida pacata, sempre teve difícil acesso à cidade, relata que sempre trabalhou de modo escravo, explorado pelos patrões. Tudo era negociado da forma destes, sem direito a reclamar, por estarem trabalhando nas terras que eles, os patrões, consideravam suas. Mesmo após construir uma outra família continuou sofrendo com sua esposa e seus filhos, sempre sem direito a nada. Após muitos anos passados, conseguiu arrumar um trabalho junto a equipe da FUNAI, na área de proteção dos povos indígenas. Trabalhando com respeito e dignidade, gosta do trabalho que faz sempre fazendo o melhor para cada povo.

Fala do seu Francisco: *"Eu lembro da minha avó. Ela me contava que a aldeia da família dela tinha sido atacada pelos brancos, mandados pelos coronéis. Quando esse confronto aconteceu, foram capturados alguns indígenas, dentre eles minha avó e uma irmã dela. Ao seguirem viagem desse desastre ocorrido na comunidade, a irmã de minha avó, uma criança pequena, chorava muito, então os brancos contratados pelos coronéis mataram a criança e jogaram fora e seguiram viagem com minha avó. Alguns destes brancos a criaram. Não sei se foi por dó ou como um animal de estimação. Só sei que a partir daí começou-se a montar um novo ciclo para minha família".*



MARIA ELZA

Indígena, pertencente ao povo Apurinã, tem 69 anos.

Veio de uma comunidade que fica dentro do Rio Patereni, afluente do Rio Sepatini, que deságua no Rio Purus. Agora mora um período na cidade e uma boa parte na comunidade próximo a Lábrea, trabalha com agricultura.



JOÃO BATISTA DA SILVA

Mais conhecido como João Baiano, tem 76 anos.

É cacique de uma comunidade próxima a cidade, comunidade conhecida pelo nome de Nova Esperança II. Ele fala um pouco da vida passada:

“Em 1948, na época do ciclo da borracha, veio um baiano aqui no Amazonas. Meus parentes contam que eu tinha acabado de nascer, minha mãe era viúva, meus tios pediram para ela se ajuntar com ele, porque ele era uma cara trabalhador, cortava seringa, então ela se uniu com ele, mas os parente de minha mãe queriam matar ele devido umas confusões de cachaça. Ele estava sendo perseguido. Quando eu completei nove meses de nascido, o baiano foi embora pro estado do Acre.

Eu fiquei no Amazonas com meus tios e primos, nasci no Cai N´água, seringal do Novo Brasil, pertinente ao Rio Sapatini, afluente do Rio Purus, um lago chamado Pirainha. Com mais ou menos cinco anos de idade, fomos para a terra tradicional de meus tios que é lá no afluente do Rio Sapatini por nome de Paterene, quando nós chegamos lá tinha um grande roçado que meus parentes tinham feito.

A mamãe chegou com nós, eu e minhas duas irmãs. Deram um pedaço de terreno para mamãe plantar, então nós plantamos. Convivi lá no meio dos parentes até ficar adolescente. Quando jovem trabalhei como seringueiro, como empregado de gerenciar, vendendo produto do patrão do seringal, recebendo produto e entregando. Quando eu tinha por volta dos 20 anos, saí do Paterene e fui morar no Purus, no seringal denominado com o nome de Bananal do Iutari, já com outro patrão comecei aprender a ler e escrever.

Nessa comunidade me casei com uma filha de um homem branco, minha esposa não é indígena. Em 1979 houve um projeto do Governo Federal, fui convocado para fazer um treinamento de Agente de Saúde, fiz o curso de agente rural, depois o curso de professor rural, fiquei trabalhando na comunidade, depois vim embora para cidade de Lábrea. Quando cheguei aqui em Lábrea, passei um tempo trabalhando, tomei conhecimento que o indígena tinha terra, que podia trabalhar. Até então, eu não conhecia esse órgão chamado FUNAI, procurei saber quem era o responsável, fiquei sabendo que tinha uma vaga de professor indígena. Conversei com meu tio, irmão da mamãe, que morava na Terra Indígena Caititu aqui em Lábrea. Ele me explicou que essas terras foram demarcadas pela FUNAI, foi quando passei a ter conhecimento o que era terra demarcada dos indígenas e dos nossos direitos.

Isso porque de onde eu vim, nós éramos subordinados ao patrão, éramos obrigados a pagar renda de tudo que era produzido. Quando cheguei em Lábrea fiquei cismado com os seringais dessas terras, em falarem que essas terras era dos indígenas, foi então que me dediquei a trabalhar na Terra Indígena Caititu.

Comecei a me envolver com o movimento indígena, encontrando outros parentes. Comecei a perceber que era perda cultural deixar de falar na língua, deixar de dançar entre outras coisas. Isso é um prejuízo para nós, se somos um povo, temos que ter nossa cultura viva. Então eu me dediquei e montamos um programa, “Sou Bilingue”. Esse programa “Sou Bilingue” foi feito para incentivar e ensinar os indígenas que se interessam em falar a língua aqui na cidade. O pouco que eu aprendi fui aos poucos aprimorando, fazendo mais estudos. Hoje sou professor bilíngue indígena na cidade de Lábrea.”

MARIA BATISTA

Apurinã, indígena, pertencente ao povo Apurinã, tem 56 anos.

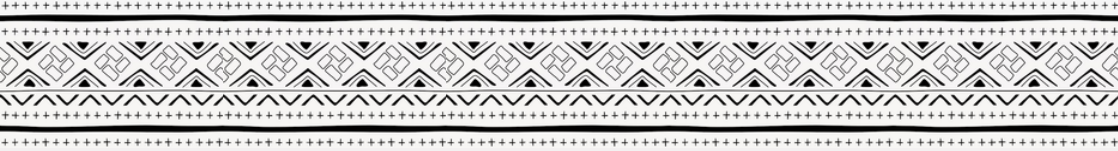
Vem de uma comunidade chamada por nome de Canakuri dentro de um igarapé que é afluente do Rio Purus.



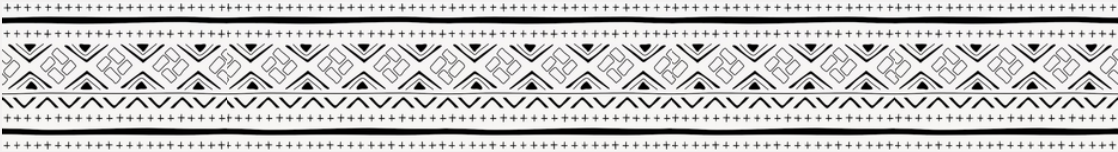
JOSÉ INÁCIO DA SILVA

Se apresenta assim: “Como as pessoas mais me conhecem, o meu nome completo é José Inácio da Silva, tenho 68 anos de idade, sou indígena, pertencente a etnia Apurinã.”

“Eu vim de uma aldeia do alto Paterene, afluente do Rio Sapatini, do alto Purus. Anteriormente eu era seringueiro, vivia da extração do látex. Com a queda da borracha, eu vim embora para cidade por um tempo. Sou casado, pai de dez filhos, tenho casa na cidade. Mas pelo fato da gente não ter como se manter na cidade, porque nós vivemos mais da plantação, como mandioca, abacaxi, banana, essas coisas assim, atualmente vivo na aldeia. Na cidade nós não temos como plantar, já na comunidade tem bastante espaço para plantar. A minha casa na cidade deixei para meus filhos que já tem grau de escolaridade e trabalham ali. A gente continua na aldeia porque lá é mais saudável, mais ventilado. Para a gente aqui é muito quente, aqui tem que ser no ar condicionado e isso gasta mais dinheiro”.



Ao ouvir essas histórias de vida de cada participante, vivenciadas nas comunidades e na cidade, já se pode perceber a relação desrespeitosa conosco indígenas. Há períodos marcantes em nossas vidas, provocando não apenas o deslocamento das comunidades para a cidade, mas também o ataque e o extermínio de parentes em uma determinada época, que sofreu com invasão dos brancos. Percebe-se que os indígenas eram vistos como barreiras ao dito desenvolvimento, miragem que ainda hoje “prevalece”.



Os indígenas, ao mesmo tempo que falam suas histórias de vida, falam de seus trabalhos escravos, cedidos aos grandes coronéis, donos de barracões. A vida e a exploração pelos brancos se misturam. Trabalhavam na retirada da sorva, na quebra de castanha, no corte das seringueiras, não eram tratados com respeito nas colocações em que residiam e ainda eram enganados no preço de seus produtos e mantimentos que adquiriam como forma de suprir suas necessidades. Além disso, eram obrigados a pagar aluguel, “porcentagem da produção feita durante o tempo que trabalham nessas terras”, das estradas de seringa que cortavam ou dos castanhais.

Podemos observar os relatos de vida descritos pelos próprios entrevistados a partir de quando vieram pra cidade e notar a semelhança das histórias, o não acesso a escolas, a sensação de não ser bem aceito, bem como muitos não tiveram estudos em relação a própria cultura.



Imagem: Seringueira
Fonte: Mundo Educação

1. MEU LUGAR, MINHA TRAJETÓRIA

Eu, Antônio Pereira Sobrinho, união estável com Maria de Nazaré, sou da etnia Apurinã. Na língua Apurinã meu nome é Ākiti, que significa onça. Nascido em Lábrea-AM, sou o primeiro filho homem, em relação a mais dois irmãos e quatro irmãs, de uma união estável entre Francisco Raimundo e Maria Pereira, ambos agricultores, e sou grato pelos meus pais.

Sobre a minha formação, sou Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Amazonas (2015), Graduado em Enfermagem (UNIP, 2023), Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade (UCAM-2020), Especialista Saúde Indígena e Mestre no programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), pelo Instituto Federal de Rondônia (IFRO-2022), programa que deu origem a este produto educacional.

Imagem: Comunidade Ribeirinha
Fonte: Comunidades Amazônicas



A pesquisa aborda os conhecimentos de indígenas Apurinã residentes em contexto urbano do município de Lábrea/AM. Sua população é de 45.448 habitantes de acordo com os dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, sendo que destes, aproximadamente doze mil se autodeclararam indígenas. Esses dados tornam Lábrea um dos municípios com maior porcentagem de indígenas no Brasil. O estado do Amazonas, por sua vez, concentra uma população de 490.854 indígenas.



LÁBREA/AM

Fonte: Portal do Amazonas

A cidade de Lábrea está localizada no sul do estado do Amazonas, na região chamada de Médio Purus, que abrange também os municípios de Canutama e Tapauá. Os povos da região são atendidos pelo Distrito Sanitário Especial Indígena do Médio Purus (DSEI) e pela Coordenação Regional da Fundação nacional dos povos indígenas (FUNAI) do Médio Purus.

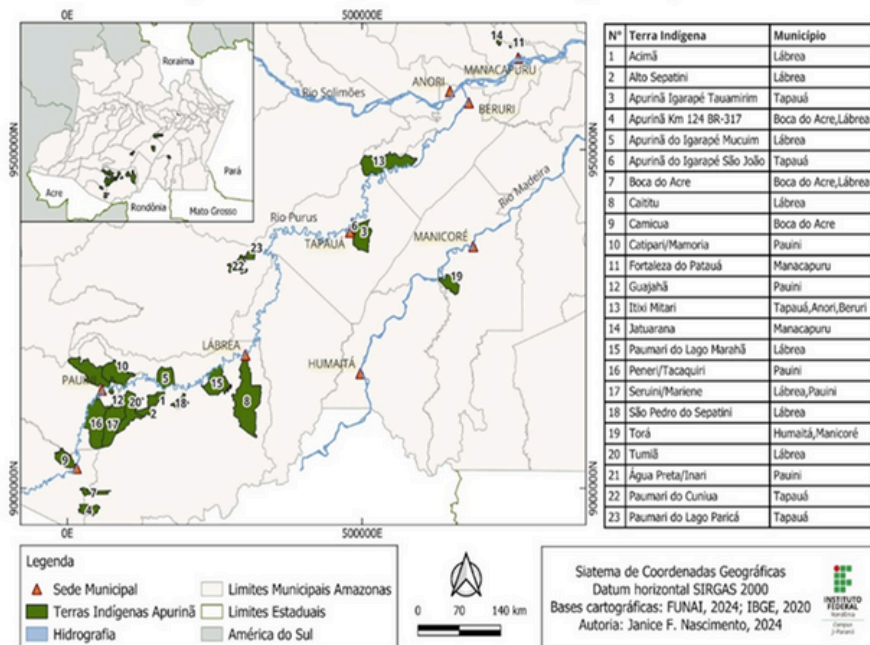
Lábrea fica à distância de 854 km de Manaus. O acesso a Manaus e Porto Velho é feito por via aérea, rodoviária e fluvial. Por via rodoviária a cidade mais próxima é Humaitá, cerca de 200 km por estrada com pavimentação e sem pavimentação (Transamazônica) e BR 319. As principais atividades econômicas do município são a agricultura e o extrativismo vegetal e animal, sendo a borracha, a castanha, a farinha e o óleo de copaíba seus principais produtos.



Fonte: Idesam

Segundo o site do Instituto Socioambiental (ISA), em 2003 haviam aproximadamente 5100 Apurinã. Atualmente os três municípios da calha do Rio Purus abrangem uma população de 5259 indígenas Apurinã vivendo nas aldeias e 2415 os que moram na zona urbana, totalizando uma população de 7707 Apurinã. Então, se formos comparar, a população Apurinã teve um aumento expressivo nos últimos anos. Mas os Apurinã não estão localizados apenas no Médio Purus. O povo vive em 23 Terras Indígenas distribuídas em nove municípios como mostra o mapa a seguir.

Mapa de localização das Terras Indígenas Apurinã



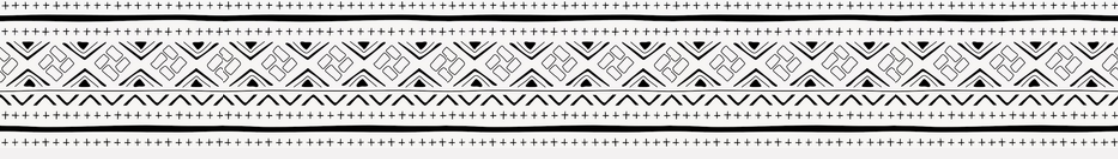
Terras Indígenas Apurinã. Fonte: IFRO

Essa pesquisa foi realizada junto a seis Apurinã que vivem na cidade de Lábrea e se dispuseram a contribuir com seus conhecimentos. Para mim foi uma experiência plausível diante da fala de cada colaborador, os mesmos mostraram o quanto foi difícil suas caminhadas até a cidade e conseguir espaço na sociedade, cheia de preconceito. A narrativa de cada um me mostrou o quanto os Apurinã lutaram e o que tem para contribuir para sociedade, mesmo com as dificuldades encontradas de alguns por nunca ter entrado em uma escola, mostrou experiências de vida acumuladas cheia de aprendizado adquirido na floresta e na comunidade.

As narrativas tratam da sociocosmologia Apurinã. Ouvindo os colaboradores, eu pude me aprofundar sobre o Deus dos Apurinã, Tsura, sobre o pajé com suas curas xamânicas. A troca de conhecimento minha com outros Apurinã foi o pontapé de vida para eu reconhecer onde eu estou agora, um Apurinã da comunidade para cidade, da cidade para faculdade.

Faço minhas as palavras de Francisco Apurinã (2020) quando ele fala do desconforto que causa nos pesquisadores indígenas o fato que ao longo dos anos, as pesquisas etnográficas têm atribuído a nós indígenas e, sobretudo, à classificação histórica continuamente reproduzida que coloca o não indígena como pesquisador e o indígena como “objeto de pesquisa”, inclusive nos excluindo do papel de interlocutores.

Com base nos relatos, vamos apresentar a história de vida dos participantes e a minha. Os seis colaboradores, embora residam em Lábrea, não deixam de frequentar a aldeia, alternando entre a vida na cidade e na comunidade tradicional. A faixa etária dos participantes varia entre 62 e 76 anos, sendo que maioria deles relata não ter tido acesso a oportunidades de estudo, enfatizando que suas prioridades foram voltadas ao trabalho ao longo da vida. Essa ausência de formação escolar gerou um sentimento de exclusão social, que foi expressamente relatado.



Como já destacado, as histórias de vida dos participantes, que são reais e impactantes, revelam um padrão comum de deslocamento das comunidades indígenas para as cidades. Como consequência deste deslocamento, passam por situações adversas, como trabalhos não remunerados, exclusão social e a ausência de garantias para uma vida digna. Os relatos evidenciam as dificuldades enfrentadas pelos indígenas ao deixarem suas terras e tradições em busca de oportunidades nas áreas urbanas, refletindo em um contexto de marginalização, onde muitos se veem a abandonar suas raízes e modos de vida.

Logo, com o material informativo constante neste livro, pretendo fazer um breve resumo da minha trajetória pessoal e dos participantes que são de fundamental importância, de formação cultural e cosmológica. Para isto, foi necessário pensar a respeito de diversas questões que têm relação direta com passado e presente de cada participante, para que não venha desrespeitar a fala e o tempo de cada um, assim, estabelecem relação com o futuro no meio da sociedade, cada colaborador cedeu autoria de descrever um pouco de seus conhecimentos de nossa cosmologia e cultura.

Aqui lhe apresento um desenho de uma **comunidade**, feito por Francisco Filho, também pertencente ao povo Apurinã.



Comunidade Indígena: Desenho de Francisco Filho

2. A VIDA DOS APURINÃ NO CONTEXTO URBANO DE LÁBREA

Podemos denominar cultura como o conjunto de símbolos compartilhados pelos integrantes de determinado grupo social e que lhes permite atribuir sentido ao mundo em que vivem e às suas ações (Tassinari, 1995). Dado a isso, direcionamos perguntas relacionadas à cultura, segundo os entrevistados, a cultura indígena é considerada importante e deve ser fortalecida entre o povo e transmitida às futuras gerações.

Ainda falando sobre a cultura, podemos destacar o conhecimento do povo indígena Apurinã sobre o uso de **plantas medicinais** como um aspecto essencial de sua cultura, herdado e praticado ao longo das gerações. Ao serem questionados sobre esse tema, os entrevistados mencionaram plantas como: amora, algodão, boldo, abacate, corama, agrião, mastruz, jatobá, copaíba, andiroba, alfavaca. Afirmando que essas plantas são utilizadas como calmantes, anti-inflamatórias e no tratamento de diversas doenças. Podemos notar que o conhecimento sobre essas plantas é uma prática ancestral, ainda preservada por muitos membros das comunidades.

Outro aspecto cultural é o uso do **rapé**, conhecido como uma medicina sagrada. Quando questionados sobre o conhecimento do rapé, muitos comentaram que seu uso era exclusivo do pajé em rituais de cura.

Nessa amplitude, os entrevistados falam dos conhecimentos que possuem do Kusanaty (pajé) e do Deus Tsura. As três mulheres entrevistadas, falam que o trabalho do pajé era de cura, ia para floresta em busca de se preparar com seu mestre, para que pudesse fazer um bom trabalho. O povo Apurinã é um povo guerreiro e valente.

O povo Apurinã vivia na floresta, se alimentando das frutas e de animais da natureza, não usava essas vestimentas que utilizam hoje. Uma entrevistada falou que viviam conforme o que a natureza lhes oferecia.

Nessas observações percebi que cada uma delas tinha conhecimento do Kusanaty e de sua importância na comunidade.



Elas contam que a cultura estava entrelaçada com língua, crença, organização e pajelança, acrescentaram ainda que as mulheres tiravam cipó da natureza para fazer peneira, paneiro, vassoura, faziam ainda sainhas de palha. A alimentação era e é garantida pelas roças em que se plantam mandioca, milho entre outros alimentos e também a busca por frutas.

Os três indígenas colaboradores realçam esses conhecimentos. Falam sobre Deus Tsura, mas dois deles aprofundam mais esse conhecimento do Deus dos Apurinã. percebi que é muito parecido com o Deus dos brancos com algumas modificações culturais. As mesmas perguntas que foram feitas para as mulheres, eles também responderam.

Através dessas reflexões, fica evidente que a valorização dos modos de vida e da cosmologia é um desafio a ser enfrentado com esforço coletivo e comprometimento da comunidade.



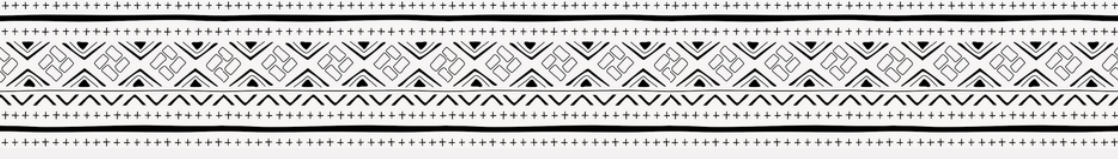
Imagem: Medicina Indígena
Fonte: Ministério da Saúde

3. A COSMOLOGIA APURINÃ: NARRATIVAS DE ORIGEM



Ilustração de Jaider Esbell

A cosmologia Apurinã é um mundo ainda cheio de mistério a ser desvendado. Durante as entrevistas realizadas com os colaboradores, percebi que alguns trazem um pouco desse mundo misterioso, revelando que os Apurinã não estão contidos em um único grupo, mas são divididos em suas crenças e sua espiritualidade, que incluem o Kusanaty, o Deus Tsura e a influência do mundo dos brancos. Como observa Viveiros de Castro (2002), essa multiplicidade de crenças reflete uma cosmologia que é dinâmica e adaptativa, evidenciando a interação constante entre tradições ancestrais e influências externas. Essa diversidade interna destaca a complexidade da cosmologia Apurinã.



Um dos elementos centrais da cosmologia Apurinã é a figura de **Tsura**, descrito como o Deus criador e o principal regente do universo espiritual. Os entrevistados mencionaram que o conhecimento sobre Tsura é transmitido principalmente pelos mais velhos, embora reconheçam que o saber sobre essa entidade tenha se tornado fragmentado ao longo do tempo. Essa percepção está em consonância com o que Viveiros de Castro (1986) observa sobre as cosmologias indígenas na Amazônia, onde a transmissão oral é fundamental, mas muitas vezes suscetível à erosão diante das pressões externas, como a influência das religiões não indígenas.

Tsura, na cosmologia Apurinã, desempenha um papel vital como a entidade criadora do cosmos e mantenedora da ordem natural. Ele não apenas criou o mundo físico, mas também organizou o espaço espiritual, onde espíritos e forças da natureza interagem com os seres humanos. É dito que Tsura tem a habilidade de controlar tanto o ciclo da vida quanto o ciclo da morte, representando a figura de um "Deus supremo" dentro da tradição Apurinã. Viveiros de Castro (1996) argumenta que muitas cosmologias indígenas da Amazônia concebem os deuses como intermediários entre os seres humanos e os animais e Tsura parece desempenhar esse papel ao reger os ciclos naturais e espirituais.

3.1. JORNADA DE YAKUNERO, MÃE DE TSURA

Três colaboradores realçam o conhecimento sobre o Deus Tsura, porém apenas dois prolongam sua fala no conhecimento do Deus dos Apurinã. João Batista da Silva narra a história do seu conhecimento recebido pelas pessoas de sua comunidade.

O espírito da mata que vive em buritizal. Tsura é um mito cosmológico dos povos Apurinã, que nós comparamos como o que seja Deus ou Jesus Cristo, o Salvador do mundo, ele gerou assim misteriosamente. A história conta que tinha uma viúva, que tinha uma filha jovem, por nome de Yakunero, essa jovem durante a noite, era visitada por uma pessoa, só que ela não sabia quem era. Então decidiu fazer uma estratégia para descobrir quem era, ela preparou tinta e foi acariciar essa personagem à noite, quando apareceu, melou o dedo com tinta e passou na cabeça, no corpo, mas ela não percebeu nada disso. Quando foi no outro dia, ela foi procurar quem estava pintado com aquela tinta, não viu ninguém, quem ela encontrou pintada com aquela tinta foi o mexicano, que é uma ferramenta de aspirar rapé, que tem a ver com espiritualidade e divindade. A pessoa inspira o xinan que é o rapé, para ter contato com a divindade. E assim, o que estava melado de tinta era o mexicano, e o que aconteceu? Misteriosamente, neste relacionamento, a Yakunero saiu gestante. Quando perceberam que ela estava gestante, a mãe ficou toda decepcionada, sem saber como que ela saiu gestante, porque não tinha marido, era uma donzela (João Batista da Silva, 76 anos).

Outro ponto interessante sobre Tsura é a sua flexibilidade interpretativa. Diferentes grupos e indivíduos Apurinã podem interpretar Tsura de maneiras variadas, o que resulta numa cosmologia fluida e plural. História semelhante foi narrada por Francisco Apurinã (2016), onde, no desenrolar da história do surgimento de Tsura, Yakunero, mãe de Tsura, não engravida por ter se relacionado com o “mexicano”, mas por desobedecer às ordens de Musa, a coruja. Essa desobediência resultou em sua gravidez e a impediu de entrar na terra sagrada. Essa variação é comum nas cosmologias indígenas, conforme Viveiros de Castro (1996), que desenvolve o conceito de “perspectivismo ameríndio”, no qual os deuses e espíritos podem ter várias perspectivas e formas, dependendo de quem os observa. Entre os Apurinã, essa característica se reflete na maneira como as histórias sobre Tsura são contadas: alguns o veem como uma figura paternal e benéfica, enquanto outros associam sua imagem a forças da natureza que devem ser respeitadas e, por vezes, temidas.

Além disso, a influência de Tsura na cosmologia Apurinã pode ser vista na maneira como os eventos naturais, como enchentes, secas e epidemias, são interpretados pela comunidade. Muitos Apurinã acreditam que esses eventos estão diretamente relacionados à vontade ou aos humores de Tsura, que pode estar respondendo ao comportamento humano.

Embora o termo “omnilateralidade” não seja de uso direto e conhecido para o povo Aripuanã. Eles compreendem que não há uma separação entre humanos, animais, plantas e seres espirituais. A omnilateralidade na cosmologia Apurinã é, portanto, a expressão de um modo de viver e compreender o mundo que recusa a fragmentação.

O território de Aripuanã não é visto sob a perspectiva capitalista ou consumista. Ao contrário, todos os seres que neles habitam, compartilhamos uma relação de interdependência e respeito mútuo (Apurinã, F., 2019).

Nós, Apurinã, estamos na terra desde o começo do mundo, como meu pai me contou, como meu avô contou para ele, como meu bisavô contou para meu avô [...]. Tsurá, nosso criador, deu vida aos diferentes seres que existem na natureza: aqueles que vivem na terra, aqueles que vivem na água, aqueles que vivem no ar e ainda aqueles que moram no céu, no mundo dos encantados e no mundo debaixo da terra. Desde então, aprendemos a cuidar das coisas que ele deixou desde o primeiro dia, retirando da natureza somente o necessário como ele nos ensinou; respeitando sua criação, porque até os animais falam conosco e merecem respeito.

Muitos desses animais são nossos próprios parentes. Tsuru também deu para os Apurinã o conhecimento que permite saber quando eles são animais que podemos matar para comer, e quando nós devemos respeitar como nosso parente. Desde então, aprendendo a cuidar das coisas que ele deixou desde o primeiro dia, retirando da natureza somente o necessário como ele nos ensinou; respeitando sua criação, porque até os animais falam conosco e merecem respeito. Muitos desses animais são nossos próprios parentes (F. Apurinã, 2019).

Karl Marx refere-se a formação omnilateral, em que o desenvolvimento completo do ser humano abrange todas as suas dimensões. Marx não utiliza explicitamente o termo "omnilateralidade", mas o conceito está presente em suas obras ao tratar da emancipação humana, da superação da alienação e da formação de sujeitos plenos, capazes de desenvolver múltiplas dimensões de suas capacidades. De acordo com Souza Júnior (2010, p. 86 e 87), a formação omnilateral depende de relações não alienadas entre homem/natureza/trabalho. Ribeiro et al. (2016) ampliam essa visão ao sugerirem que um sujeito omnilateral é aquele que consegue romper os limites impostos, criando novas formas de modificar a natureza e alcançar atividades superiores.

Quando levamos para o contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), essa formação omnilateral se torna ainda mais relevante, pois a EPT vai além da mera da simples profissionalização e capacitação técnica. Segundo Arroyo (2019), a desarticulação entre a formação básica e a formação profissional, resulta em um modelo de educação que fragmenta o saber e limita o desenvolvimento pleno do indivíduo. Assim, de acordo com Frigotto e Ciavatta (2012), educação omnilateral não é um processo natural dado à parte do ser humano, mas sim uma construção histórica e social que exige relações educacionais livres de alienação.

Após descobrirem que ela estava grávida, os pais e avós de Yakunero que eram anciãos da época, não queria que isto acontecesse, uma mulher sair gestante de um desconhecido ou sem saber como saiu gestante, então os parentes de Yakunero mantiveram em segredo. Apareceu um homem da família dos macacos parauacu cabeludo, ficou desconfiado que aquela moça estava gestante, mas não tinha certeza. Em um determinado momento, ele pediu para que ela o catasse, tirasse o piolho da cabeça dele, ela não podia dizer não, tinha que fazer, era ordem. A mãe de Yakunero levou ela com cuidado e conduziram um pouco de carvão para enganar o puruacu. Ele, muito tranquilão, quando chegou um determinado momento acabou o carvão, e Yakunero não teve outra alternativa senão estalar o próprio piolho. A mulher gestante já é cheia de problemas, e já estava forçada a estar ali.

Quando ela estalou no dente, ela vomitou, ele pulou fora e descobriu que ela estava gestante, não teve outro jeito ele acionou os outros do grupo. Todos concordaram para não matar ela, alguns falaram que tinha que matar, então a partiram e tiraram a placenta que jogaram no mato. Só que a placenta com o cordão umbilical enrolou em um algodoeiro. E ficou lá. (João Batista da Silva, 76 anos)

A jornada de Yakunero, mãe de Tsura, destaca a complexidade das relações entre os Apurinã e suas divindades, especialmente Tsura, central em sua cosmologia. A história revela a flexibilidade interpretativa que permeia a figura de Tsura, vista de maneiras diversas pelos grupos Apurinã, refletindo uma cosmologia rica. A gravidez de Yakunero, resultante de um relacionamento misterioso, gera desconfiança entre seus parentes e eventos trágicos que moldam a identidade de Tsura.

Essa ligação entre o humano e o divino evidencia a crença de que fenômenos naturais estão conectados às ações humanas. A placenta de Yakunero, ao se enroscar em um algodoeiro, simboliza a intersecção entre vida, morte e espiritualidade, enriquecendo a compreensão do papel de Tsura e ressaltando a importância das narrativas orais na preservação da identidade cultural dos Apurinã.

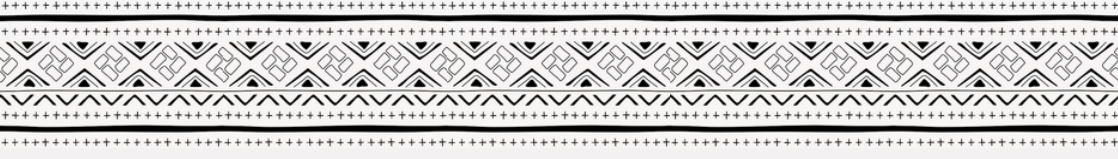
4. NASCIMENTO DO DEUS TSURA



Ilustração de Eron Teixeira

João Batista da Silva narra sobre o Deus Tsura, o nascimento que ocorreu em um cenário de tragédia, marcado pela morte de sua mãe, Yakunero. No entanto, essa tragédia contrasta com a bondade demonstrada pelos parentes de Yakunero, que trazem um elemento de compaixão à história.

Este algodoeiro ficava próximo do caminho, eles andavam de casa para a mata e para a roça. Quando foi de dia, mãe de Yakunero, e a avó dele ouviram um piado, ela foi ver, aquela placenta tinha se transformado num ninho, um ninho de pássaro, com três passarinhos, dois passarinhos fortes e um mais magrinho. Ela levou eles, dava de comer, mantinha eles preservados. Ela está indo contra a vontade dos puruacu, porque sabia que se eles tivessem conhecimento da situação, os puruacu iriam matar eles, pois pertenciam a Yakunero. De repente os passarinhos se transformaram em três crianças, que ela tratava como netinho, sei que eles foram crescendo, ficando maiores, e resolveram se vingar (João Batista da Silva, 76 anos).



O nascimento do Deus Tsura, conforme narrado por João Batista da Silva, aborda temas da cosmologia indígena, como a conexão entre a natureza e o ciclo de vida. A placenta de Yakunero se transforma em pássaros, que viram crianças, simbolizando a continuidade espiritual e física. Essa metamorfose reflete resistência e renascimento, onde a bondade dos parentes de Yakunero contrasta com a brutalidade dos Paruacu, que ignoram o poder da natureza.

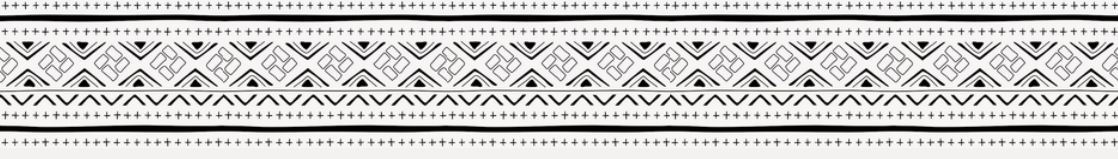
Conforme narra João Batista da Silva, Tsura e seus irmãos logo descobrem a verdade sobre o que havia acontecido com sua mãe. Indignados, elaboraram armadilhas para se vingar de sua morte e exterminaram todo o grupo de macacos.

Esse episódio, assim como outros acontecimentos da saga de Tsura, requer uma análise que vai além dos objetivos deste livro. Por enquanto, é importante explorar a origem e a nomenclatura de tudo o que existe atualmente na Terra.

4.1. O INÍCIO DA CRIAÇÃO DE TSURA: O CRIADOR E A SERPENTE

As criações do Deus Tsura são marcadas por atos poderosos que moldam o mundo natural e a existência dos Apurinã. Após seu nascimento, Tsura assume um papel central na formação do universo, dando origem a elementos fundamentais como os rios, florestas e animais. Ele cria a vida em harmonia com a natureza, estabelecendo as bases para o equilíbrio e a interconexão entre todas as criaturas.

Tsura e seus irmãos foram comer castanha, era castanha de cortinha, coisa assim. E aí, foram beber água no igarapé, jogaram um pouquinho de castanha na água, as piabas foram comer e fazia um som, inhaque, inhaque, mastigando. O nome deste negócio é make, por isto que castanha em Apurinã é make. Dois deles foram tirar castanha, mas as castanhas ainda não estavam caindo. Enquanto eles estavam fazendo o serviço, mandaram Tsura ir buscar água lá no igarapé para eles beberem, ele já tinha ido algumas vezes no igarapé, ele tinha jogado um tipizinho próximo da água, quando ele voltou, esse tipizinho tinha se transformado em uma cobra, ele ficou olhando a cobra, aí pediu para a cobra engolir ele, meteu os dois pés e disse: me engole, me engole. então a cobra abriu bem a boca e começou a engolir Tsura bem devagar (João Batista da Silva, 76 anos).



A história continua revelando a estreita conexão entre Tsura e os elementos da natureza. Ao ser engolido pela cobra, Tsura não sucumbe ao destino comum, mas transforma o evento em um de seus feitos criativos. Essa ação reflete a habilidade de Tsura de controlar e modificar o mundo ao seu redor, tornando-o parte integrante das forças naturais. Como muitas narrativas míticas indígenas, a interação entre Tsura e a cobra simboliza uma transformação, onde o Deus não apenas sobrevive, mas se funde com o ambiente, reafirmando seu papel de criador e moldador do universo natural e espiritual dos Apurinã.

4.2. TSURA E A JORNADA DA CRIAÇÃO: DO VENTRE DA COBRA AO CÉU

A jornada de Tsura, o grande criador na cosmologia Apurinã, é marcada por uma série de transformações que refletem seu papel divino na formação do mundo natural. Desde seu misterioso nascimento até os feitos extraordinários que moldaram rios, florestas e seres vivos, Tsura atua como um Deus em constante interação com os elementos da natureza, como bem ressaltou José Inácio da Silva.

A cobra coral ficou grande, já tinha terminado de engolir Tsura, então desceu naquele charcosinho (uma pequena poça) de água. Aí a coral vai se transformando em grande, vai aumentando o tamanho dela, conforme aumentava a cobra, o rio aumentava, cada curva que ela fazia, transformava as curvas do rio mais grande. Cada vez que a cobra aumentava de tamanho, a turma tinha mais trabalho pra matar ela, mas não deu jeito. A cobra ficava passando por baixo e por cima, cada canto que a cobra passava os rios iam se fazendo, assim foi feito o rio Purus e outros rios. quando foram achar meio pra matar a cobra, ela já estava no mar. Durante este tempo a população estava trabalhando para achar meios pra matar. Até acharam arirambinha, aquilo era um pajé, viram que ele tinha um biquinho, aquilo era arpão a arma dele, então perguntaram para ariramba, você rapaz, será que poderia dá um jeito de arpoar aquele bicho que levou o nosso mestre, para nós matar?, ele disse, rapaz, eu não

tenho poder para nada. Mas o rapaz, com esta arma dá para você fazer isto, vamos lá experimentar. Quando chegaram a cobra estava lá boiada, os que estavam no seco escutava os barulhos, batia a ferro, trabalhava de machado, aquela danação era dentro da cobra. Levaram o rapazinho, a gente vai experimentar arpoar, arpoar ela e segurou, gritaram pela moçada, botaram para matar e mataram (José Inácio da Silva, 68 anos).

Esse episódio demonstra a importância da colaboração entre Tsura e os seres da natureza, que juntos realizam façanhas que moldam o mundo. A serpente, inicialmente uma ameaça, se transforma em um elemento crucial da criação, e o próprio ato de matá-la marca o fim de um ciclo e o surgimento de algo novo: a formação dos rios e da geografia que conhecemos. A intervenção da ariramba, um animal pequeno e aparentemente insignificante, revela a sabedoria presente nas criaturas menores e reforça a ideia de que o poder criador de Tsura está distribuído na natureza em diversas formas, muitas vezes inesperadas. Dessa forma, Tsura e seus aliados não apenas vencem a serpente, mas completam mais um estágio na construção do mundo Apurinã.

A cobra ficou flutuando, foram tentar puxar a cobra para a beira, os Apurinã foram lá todos tímidos, mas não conseguiram, não era a vez do índio não.

A turma dos brancos trabalhava, colocava a mesma forma, contava 1, 2, e 3, já era, arrastaram a cobra, colocaram no seco, abriram, fizeram uma porta e Tsura saiu, foi tirar material de dentro, onde tinha canoa, casca, espingarda, essas ferramentas assim. Então era a vez dos Apurinã escolherem com o que eles queriam ficar, o transporte. O Apurinã viu, achou melhor foi o remo e a casquinha, e o não índio ficou com a canoa mais forte. Para a arma, tinha arco e flecha, e espingarda. Perguntou qual você quer? Nós vamos ficar com o arco e flecha. Os branco, vem para cá a espingarda. Assim por diante, os indígenas sempre procuravam a coisa mais simples, mais fácil. E sempre dando aquela coisa mais forte, e de mais poder para o não índio. Quando Tsura encerrou tudo isto, a obra, ele foi, subiu para o céu. A escada que ele subiu, existe na mata, que nós chamamos de escada de cipó jabuti, pois é. Então aquele cipó foi a escada que ele subiu, foi para o além, ele está lá sempre construindo” (João Batista da Silva, 76 anos).

Um dos momentos mais simbólicos dessa trajetória é seu encontro com a serpente, onde, ao ser engolido, ele não apenas sobrevive, mas utiliza esse evento para continuar sua missão criadora. Dessa união com a cobra, Tsura emerge como uma figura ainda mais poderosa, consolidando sua presença como aquele que transforma e equilibra o universo. Sua ascensão ao céu, pela escada de cipó jabuti, marca o encerramento de sua jornada terrena e o início de uma nova fase, na qual ele continua a construir e sustentar o equilíbrio cósmico dos Apurinã.

5. NARRATIVA DE JOSÉ INÁCIO SOBRE O DEUS TSURA

Percebe-se que a narrativa dos colaboradores segue as mesmas linhas de pensamento, mas é admirável o modo de falar de cada um. Até para mim é admirável, pertencço ao povo Apurinã, mas não tinha esse conhecimento, sei que o povo Apurinã tem o Deus conhecido como Tsura, mas não tinha conhecimento de toda essa história. José Inácio conta:

Eu quase não tenho conhecimento, porque eu era criança quando meu pai era historiador Apurinã. Ele contava sobre a criação do mundo e como surgiu o povo Apurinã, como surgiu a vida de Cristo, como foi o nascimento de Cristo, ele me falava isso, a história quase idêntica a dos brancos. No povo Apurinã alguns contam que a raça humana pode ter vindo dos macacos, tá então da família de macacos. Sabe qual o macaco? É aquele que chama veinho, parauacu.

Imagem: Macaco Parauacu
Fonte: Mundo Ecologia



O parauacu mesmo. É daquela família que vem os indígenas, os Apurinã. Quer dizer, não é bem Apurinã, mas o Apurinã vai sair desse meio. E esse povo que é da família do parauacu tinha algumas mulheres, essas mulheres que foi uma das mães de Jesus, eu não sei contar essa história bem, qual foi a origem dela, quem era mesmo os pais dela, não sei. Eu sei assim, meio despedaçado, essa mulher que foi a mãe de Jesus, na época, elas eram duas mulheres, duas jovens, diz que uma foi estuprada, essa perdeu valor, desmundou, não sei que fim levou, aí ficou só ela.

Ela ficou sozinha, e pegou um varador que disse que ia para um lugar que não tinha homem, então ela foi para lá, quando chegou no determinado lugar, ela arranjou a agasalho, e aí de repente, em espírito apareceu um homem, mas na verdade não era um homem físico, disse que quando se via ele só era a cabeça, mas o corpo não tinha.

A mãe desse camarada que é só cabeção arranja um casamento para os dois, a menina fica pensando, eu não quero esse casamento, a mãe do cara que era só cabeça disse, se você não quiser meu filho, não tem problema, mas você não pode ficar aqui, pode ir embora daqui. Então a jovem pegou o pique (começou a andar pela trilha) e começou a sentir coisas estranhas. Ninguém sabe se teve relação com cara que só tinha cabeça, mas mesmo assim continuou a andar a varador (trilha) a fora, sem saber que estava gestante.

Ela foi em busca de outro povo que pudesse ajudar. A mulher que tinha ofertado o filho dela para se casar com a jovem, disse para ela que lá na frente tinha um caminho com dois tipos de pena um de japó e outra de papagaio. A mulher disse, você segue o caminho que tem a pena de japó, o de papagaio você não segue, porque lá estão seus inimigos.

Ela respondeu, tudo bem. Dizem que quando ela chegou lá, avistou a pena de japó, mas dizem que, pela natureza, a pena trocou de posição, então foi parar no meio dos inimigos dela, o povo que era parente do homem que só tinha cara. Lá ela encontrou justamente o grupo dos macacos, então chegou a mãe da família dos macacos. Ao ver a mulher, ela já a conheceu, vixi você anda fugida com medo de um casamento que você foi prometida, aqui também tem seus intrigados que são parentes dele, você não pode ficar aqui. A jovem disse, poxa e agora para onde eu vou? Por enquanto a gente escolhe um lugar para você ir embora, sobe aqui que o pessoal está para chegar da caçada, se eles topam com você aqui vão querer lhe matar. Nessa altura a jovem já estava gestante. Quando a mulher está gestante tem enjojo (ânsia de vômito), cospe muito e vomita. De vez enquanto ela sentia essas situações. A velha que a recebeu sabia de tantas coisas, ela disse, faz o seguinte, pega um caquinho de aguidar de barro (material feito de barro, como uma pequena cuia). A velha colocou uns pedacinhos de carvão perto dela porque já sabia que a jovem estava gestante.

A velha diz para a jovem, quando vir os enjoos, você cospe aqui nesse vaso, para não descer o cuspe embaixo. Dizem que a jovem ficou lá no sote (parecido com um forro de uma casa). Quando chegaram os caçadores, que era a turma das macacadas, comeram as frutas que trouxeram e se deitaram de cara para cima e outros jogados de lado, com a demora deles, a jovem continuava cuspendo no vaso de barro.

O vaso que ela estava cuspendo ficou muito cheio, então transbordou e caiu em cima de um deles, então ele olhou, olhou e viu a jovem lá no sote. Ele disse, ah é você que está aí é, e continuou, ah você estava foragida, mas quero você para ser minha mulher, ele disse, vem me catar. Naquela época para conquistar tinha que catar, aquele que ela se agradasse podia ficar, colocou ela para catar ele.



Desenho de Francisco Filho

Os piolhos dos macacos parauacu era parecido com os rola-bosta (besouro), a velha tinha dado os materiais para ela, carvão, cuia de barro e instruções. O macaco disse para a jovem, você vai me catar, quebra todos os piolhos com dente. Ela pensou, agora o negócio pegou. Ela pegava, tirava o rola-bosta do cabelo dele, pegava o carvão e estalava no dente e jogava fora, nessa situação já tirados vários piolhos e estrelado vários pedaços de carvão, o carvão acabou, então ela não teve outra opção, tirou o rola-bosta e estalou ele no dente, mas ela não aguentou, ela começou a escarrar, o macaco olhou para ela e disse, é por isso que você não quer a gente, porque você tem nojo da gente, pois você vai morrer, então mataram ela.

Mataram ela e a cortaram em pedaços, para poder comer. No momento que estavam cortando a mulher, perceberam que ela já tinha o feto. Eles falaram, ela estava prenha (grávida), aquele negócio todo. Eu só sei que cortaram, tiraram o feto e jogaram. Nesse momento o feto enrolou no galho de algodoeiro, ali ele ficou.

Essa placenta com feto ficou lá. Saiu três personagens que na língua portuguesa seriam pai, filho e espírito santo. O próprio Jesus na língua Apurinã é chamado de Tsurá. Eu não lembro o nome dos outros. Eles eram três. Jogaram lá, era um espírito da natureza, era Deus. Eles viam tudo. Os macacos pegaram a mãe deles, esquartejaram, assaram, amoquinham. Nesse momento eles estavam prestando atenção, qual era o primeiro que ia comer ela.

Após os macacos jogarem a placenta mãe de Tsura contendo três filhos, os filhos ficaram observando bem para ver qual seria o primeiro macaco que ia comer sua mãe. Ele disse, é aquele lá. Foi passando, os outros foram comendo e tal. Ele disse, esse daí foi depois, esse foi depois. Era uma família inteira. Aí tá bom, então tá certo. os macacos parauacu gostavam de caçar, caçar fruta e tal. E tinha essa velhinha que queria proteger a mãe de Tsura, mas ela não saía de casa. A velha trabalhava em crochê de envira. Estava trabalhando o dia todo em crochê. Até que ela deu fé daquela ninhada de passarinho, três passarinhos no ninho, lá no algodoeiro, a velhinha pegou os três para criar.

Pegou, trouxe e criou, em uma cambuquinha (como se fosse uma cuia), aqueles passarinhos. Ela dava de comer com alguma coisinha e foi criando. Com alguns dias, eles se transformaram em crianças. Os passarinhos voavam, quando chegava era em forma de criança, ela se admirou, mas de onde vocês vêm?, nós estamos morando com a senhora vó, eles chamavam ela de vó.

Então quando chegava a noite, eles se transformavam em passarinhos de novo e ficavam em seus ninhos, e aí foram crescendo, então eles começaram a matar os seres malignos que mataram a mãe deles, foram matando um por um, e o primeiro que comeu da mãe deles, eles mataram de laço.

O outro mataram com breu, o breu de sova quente, na hora que o breu tá quente, inventaram uma brincadeira lá. Diz que jogava na boca um do outro, chegou um desses que comeu, a mãe deles, disse o rapaz, vocês têm uma brincadeira bonita. Eles disseram, sim, sim, é porque nós somos crianças, mas nossa boca é pequena, mas você que é adulto, você pode pegar um bolão grande desse daqui. Será, rapaz? Então vamos experimentar. O abestalhado abriu o bocão e meteu dentro, eles bolaram um breu quente, jogado na boca dele, morreu sufocado. E assim foi.

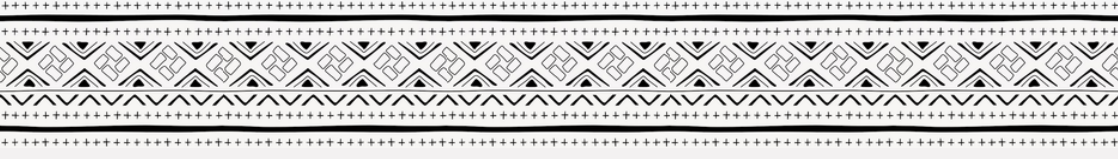
O outro, eles mataram com peso do cacho de anajá (uma espécie de palmeira), e assim foi indo, até que eles chegaram no veterano mesmo (o primeiro macaco que tinha comido a mãe deles), e um deles disse, esse daí, como é que nós vamos fazer? Esse daí é o último, mas nós vamos achar um jeito. Eles tiraram o mel de abelha, da cera, eles fizeram um negocinho como uma árvore, deixaram lá num canto, num galho de pau, lá transformou em um **cancão** (espécie de pássaro), isso aqui é bom, então eles pegaram essa cera, colocaram lá no caminho, aonde o pessoal ia passar.



Imagem: Pássaro Cancão
Fonte: Portal da Zoologia

Então as crianças botaram essa cera no caminho e prepararam uma armadilha. Quando eles ouviram o canto dos macacos, eles se esconderam e entraram no buraco das casas das cigarras. Ele mesmo, o próprio Jesus entrava lá, e os outros voavam que nem periquito. O cara vinha na caçada e tal, viam os periquitos no cacho de açaí, eles metiam a zarabatana, estava um pouco distante. Eles derrubavam, que na época não tinha roupa, mas eles tinham aquela tanga, chamada tanga de envira (material tirado da casca da árvore), que só cobria a frente das partes íntimas, tinha cordinha de amarrar, como diz os brancos, ele bodocava (parecido uma pochete ou bolsa) os periquitos, aquele que caía, o homem pegava, botava, prendia na corda da cueca dele, assim, prendia, derrubava. Até que ficou rodado de periquito, que ele estava derrubando.

A corda da tanga dele torava, quando ele ia perceber, os periquitos voavam, a gente disse, rapaz, que negócio é esse, deixa de mão. Foi embora, quando ele chegou lá nas armadilhas, observou uns laços, o que é isso. Meteu um terçado e a armadilha disparou, mas não pegou nada, foi para frente e a armadilha do mesmo jeito, disparou, não deu nada.



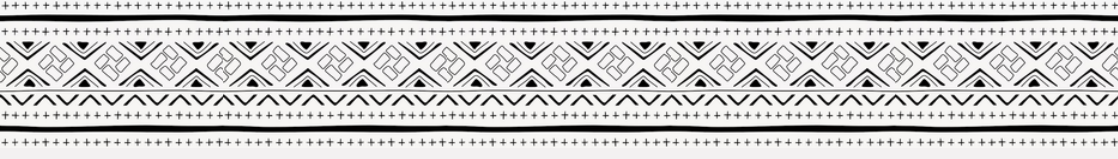
Já lá na frente havia uma armadilha feita de fina envira, ele ficou olhando e disse, essa não vai dar em nada. Quanto chutou, entanizou na perna dele (quando uma pessoa enrola uma corda em uma das pernas). Agora lascou mesmo. Tentou tirar com a outra, amarrou o outro pé, ele ficou entanguido (as duas pernas presa, todo amarrado). Agora vai sair, puxou com a mão, aí amarrou a outra mão, não é possível, ele puxou com a outra, amarrou também, ficou amarrado o pé e mão. Ele alarmou por socorro. Nessa hora eles se transformaram em gente, o que botou a armadilha, que era Deus, ele saiu de dentro da casinha da cigarra.

Tsura gritou pelos outros, o rapaz chega aqui, ele tá aqui, tá pego já, e os outros vieram. Então deram um jeito de que o vento participasse, convidaram o vento. O vento veio, o cara que fez mal para mãe deles já estava amarrado pé e mão, estava no laço, aquele pau de açoite, levantou ele. O vento veio e deu nos paus. Então ele morreu de pancada. Então eles disseram: e agora?. E agora?, disse, agora nós vamos tratar dele, nós vamos ver o que vamos fazer, tá.

A cabeça, ele fez aquele que o pessoal chama melabigode (uma fruta pouco conhecida na cidade, um pouco doce e azeda), e o olho, ele fizeram a **pitomba** (fruto com doce leve), o pau da venta (nariz) fizeram a cajurana, parece uma castanha de caju, do dente, ele fez aquele angico (fruto parecido com ingá) que os porcos gostam de comer, assim foram fazendo tudo, não se perde nada, da tripa fizeram o marimari (fruto parecido co a ingá, mas dentro da casca, cada fruto se parece com uma pilula de vitamina C, fruto com doce leve), os rins eles fizeram aquele loura abacate (uma árvore bonita, muitas pessoas tiram sua madeira para fazer casa), o coração fizeram outra fruta que não me lembro o nome, o meu pai ainda comia essa fruta, ralava, misturava com massa puba pra comer, tipo um abacate grande e redondo, da parte intima dele, eles fizeram o uchi (fruto bastante consumida nas comunidade, algumas pessoas usam sua casca para fazer chá), do saco do ovo eles fizeram o piquiá (fruto consumido considerado muito bom e apreciado pelas comunidades indígenas e ribeirinhas), e assim sucessivamente eles foram fazendo as coisas.

Imagem: Fruta Pitomba
Fonte: Diário do Nordeste





As crianças foram para casa, ao chegarem perceberam a preocupação da velha, que estava preocupada com sumiço dos homens que tinham desaparecido, a velha procurava quem deu o fim no pessoal que não apareceu mais. As crianças já um pouco crescidas nem ligavam, até que um deles deu um peido, pronunciou o nome de um homem que era justamente esse que mataram. A velha virou, olhou para ele e disse, foi vocês que mataram fulano, o outro que estava dormindo acordou, acordou o outro, pularam fora, a veia disse foi vocês mesmo, pegou facão, queria a cortar eles, correram no caminho, o caminho do porto.

Era um igarapé grande, tinha uma ponte, atravessaram na ponte e a velha veio atrás brabinha. Quando chegou na ponte, ela botou para atravessar também, quando chegou no meio da ponte, eles foram lá e balançaram a ponte. A velha não se atentou e soltou o terçado, ela se humilhou. Então a velha disse aos meninos, vamos tirar meu terçado. Eles mergulharam e tiraram um poraquê, mergulharam e tiraram o jacaré, mergulharam e trouxeram o surubinho. Aí pronto. Não, não, não tem nada aqui não. O que tem aqui é isso, então tá certo, quando ela voltou, eles bateram palmas.

Ela correu, virou uma cutia preta e começou o som de roedor, rote, rote. Diante de toda essa confusão a velha tinha uma neta, que vinha chorando com pena da senhorinha. Tsura toma uma decisão e transforma a jovem menina em uma pequena inambu, lá no mato tem uma inambu, ela tem um assobio penoso, a inambu surulinda. Depois eles ganharam o mundo.

Eles começaram trabalhar, fazer tudo que a natureza e o homem precisam. Segundo o meu pai, que contava isso. Ele disse que foram para um canto, acharam um tauarizeiro (árvore), grande, grosso, começaram nele. Eles botaram uma média de 25 cinco homens para derrubar aquele tauari antes do dia amanhecer, porque na hora que aquele tauari descesse no chão, aquele tauari ia ser o mar, a galhada dele era para ser os afluentes.

O Deus Tsura era o carregador d'água para os trabalhadores, eles batalharam a noite toda e não derrubaram o tauari (árvore), o dia já amanhecendo. Meu pai disse que tem um lugar, aqui próximo de Lábrea no alto Ituxi, lá tem uma pedaceira de pau (pedaços de madeira), tudo virado em pedra, o cavaco do tauari que eles tiravam.

No momento que Tsurá carregava os cavacos de pau, ele colocava os cavacos em ordem, assim, que era pra quando o tauari caísse, todo aquela matéria da árvore ia virar queixada, meu pai conta que lá tem jacaré, pedra, lá onde ia ser o mar, tá lá o navio de pedra, o boto de pedra, tá tudo lá, meu pai contava isso. Eu nunca vi. Então todo esse negócio lá é quando eles saiam pra trabalhar.

Eles desgostaram porque os homens que eles botaram não resolveram nada. Ele ia embora. De que jeito? Ele pegou a palhinha que ele estava carregando água, uma palha de tucumã (o olho do tucumã), teceu um tipitizinho (objeto feito de palha trançada) soltou lá. Esse tipiti que ele teceu virou uma cobra coral. Ele começou a cutucar com o pé, continuou cutucando até que a cobra mordeu o pé dele. Ele disse, eu não acredito que esse bichinho vai me comer. Então, ele disse, me engole, me engole. A cobra já tinha engolido um pé. Eu quero ver se tu vai me engolir mesmo. Botou o outro pé. Só sei que a cobra continuava engolindo ele. Quando já estava para terminar de engolir, o povo chegou e sentiu a falta de Tsurá. Quando terminaram de chegar, a cobra já tinha engolido ele.

A cobra coral já ficou grande, já tinha terminado de engolir Tsura. Então desceu naquele charcosinho de água. Aquele charco, onde o coral vai, cada volta que a cobra dava, virava as voltas dos igarapés. Aí a coral foi se transformando em grande, foi aumentando o tamanho dela, conforme aumentava a cobra o rio aumentava, cada curva que ela fazia, transformava as curvas dos rios cada vez maiores.

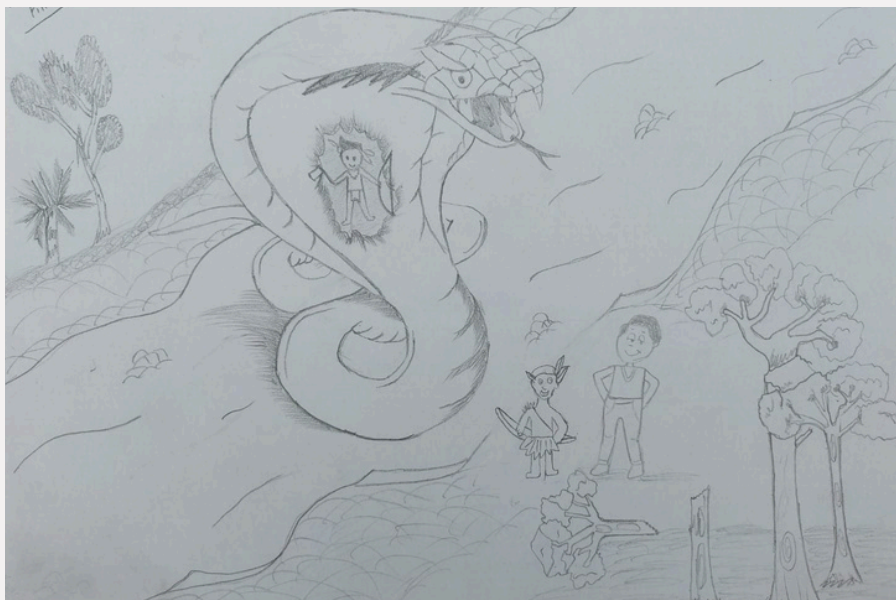
Quanto mais a cobra aumentava, mais trabalho a turma tinha para matar ela. Tentaram matar ela e não conseguiram, botaram armadilhas de todo jeito. Chegou numa posição que diz que eles acharam a itã (concha de água doce), pegaram essa concha enterraram no igarapé do Ituxi, tentaram obstruir a passagem, mas a cobra coral passou por cima do pau que tinha próximo. A itã não deu jeito. Agora a água nesse local passa por baixo e por cima. Por isso, aqui em Lábrea, tem um lugar onde o rio se dividiu em dois.

No verão a água ficava passando por baixo e no inverno por cima, cada canto que a cobra passava os rios iam se fazendo, assim foi feito o Rio Purus e outros rios. Quando foram achar um meio para matar a cobra, ela já estava no mar, acharam ela. Durante esse tempo a população estava trabalhando para arranjar um meio para matar, porque a cobra tinha levado o companheiro, o mestre que ajudava eles.

Até que acharam, acharam aquela arirambinha (pássaro que gosta de como peixe na espera) meio vermelhinha, só vive mais concentrada, aquilo era um pajé. Acharam a arirambinha com as trairinhas moquinhadas, viram o pássaro com um biquinho afiado, aquilo era arpão, como uma arma. Perguntaram para ariramba: você rapaz, será que você poderia dá um jeito de arpoar aquele bicho para nós matar, que levou o nosso companheiro, o nosso mestre.

A arirambinha disse: rapaz, eu não tenho o poder para nada, mas com essa arma dá para você fazer isso. Foram lá experimentar. A cobra estava lá boiada, os que estavam no seco escutavam barulhos, escutavam batia de ferro, trabalhava de machado, aquela danação lá, era dentro da cobra, levaram o rapazinho, a gente vai experimentar arpoar (atirar um arpão, jogar uma lança). Então a arirambinha arpoou e segurou, gritaram pela moçada, vamos lá, vamos matar essa cobra. Mataram. Vamos puxar para o seco, vamos puxar para o seco.

O povo Apurinã puxou errado e não conseguiu. Venceu o tempo deles, dos Apurinã. Então veio outra turma, agora de brancos, a turma dos brancos amarrou o bicho, contava um, dois, três já, e todo mundo fazia força igual, assim puxaram o bicho pra praia. E agora, como é que nós vamos fazer?. Antes de encontrarem meio para cortar a cobra, abriu uma porta. E o homem que estava engolido saiu, cumprimentou o povo e tal, chamou todas as nações, Apurinã, Paumarí, Jamamandí, Jarawara, e outros.



Desenho de Francisco Filho

Tsura priorizou os indígenas: vocês têm prioridade. Desembarcou, puxou tudo para fora da cobra, todo o material que hoje existe machado, terçado, motor, barco, grande, barco pequeno, arma, fuzil, metralhadora, todo tipo de arma, tudo já tinha lá, priorizou os indígenas. Vocês têm prioridade, escolham o que vocês quiserem aqui para governar a vida de vocês.

Dizem que o Apurinã chegou lá e disse: eu vou logo escolher o meu. Saiu pegando e foi em grupo, pegaram o motor de centro, rabeta, o motor de ferro, mas os outros disseram, não rapaz, esse aqui é muito pesado, não tem quem carregue, vamos deixar, vamos procurar outras coisas. Foram escolher e acharam o remo, esse aqui é bom. Tinha cada tanjão (arma) de ferro e os barcos de ferro, madeira, tudo tinha.

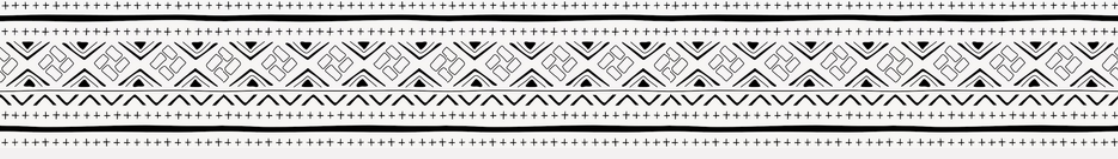
O Apurinã escolheu a casca de jutaí (árvore que tem uma casca grossa, essa casca retirada da árvore e, é utilizada nas comunidade indígena como canoa, pequena embarcação). Esse aqui é bom, porque se eu me enganchar (encaixar) levo para qualquer lugar, junto com o remo. A arma, ele pegou o arco e disse, esse é bom. Quando pegou armas de ferro achou muito pesado. Eu quero esse arco e flecha que são maneiros.

Poxa vida, assim ficou. O indígena só governa arco, flecha, casca de jutaí, depois que ele viu que o Apurinã não estava com nada.



Depois Tsura chamou os brancos. Os estrangeiros escolheram logo aquelas máquinas pesadas, é arma pesada, as canoas grandes, os barcos grandes de ferro, as armas de ferro. Por isso hoje eles são donos disso, eles governam isso.

Imagem: Árvore Jutaí
Fonte: Tecnologia e Floresta



Jesus ficou desgostoso com os indígenas Apurinã e disse, vou largar eles de mão, agora vou embora, mas vou botar uma escada para quem quer subir. Ele foi para o pai e, ao chegar lá, deixou uma ordem. Quando alguém precisasse da ajuda dele, podia ir até lá, subir pela escada. Aí não parava de ir gente, até que o pai disse, desse jeito não vai dar certo, o povo vai subir e não vai morrer ninguém, preciso de uma maneira de mudar esse povo, senão isso vai até quando?. Preciso que alguém morra para que eles desocupem o lugar para outras gerações. Então o pai cortou, derrubou a escada e a escada do céu virou o cipó jabuti (espécie de cipó cheio de curvas encontrado na floresta). Aí ficou só a palavra, quem precisasse dele podia chamar por ele pedindo ajuda.

6. O PAJÉ APURINÃ DE ACORDO COM A NARRATIVA DO SENHOR JOSÉ INÁCIO

O pajé é um indígena de grande importância para a comunidade, ele faz com que a comunidade se sinta mais protegida contra ataques de doenças ou “pode se tornar um inimigo”. Nessa parte da cosmologia percebe-se a dificuldade que os indígenas da comunidade teriam que passar para que pudessem adquirir os conhecimentos de um pajé.

Diante desta cosmologia, de um mundo cheio de mistério, vem junto o pajé, o mundo dos Kusanaty que não deixa de ser uma parte de nossa cultura. A maioria dos entrevistados não sabem dizer se ainda existe pajé no povo Apurinã. Diante das entrevistas realizadas vou descrever um pouco esse mistério.



Imagem: Indígenas, Terra e Água
Fonte: CFEMEA

Segue a narrativa de José Inácio Apurinã:

“Eu não tenho conhecimento, assim, ao vivo, mas eu tenho por informação de histórias que meu pai contava, quanto à espiritualidade que o pajé trabalhava. Hoje eu não tenho nenhum conhecimento mais de que tenha um pajé Apurinã, porque meu pai contava muita história de pajé Apurinã e muita história de tudo. Inclusive meu avô era pajé. Não vi mais aqui em canto nenhum a história que meu pai contava. Ele contava que o pajé tem uma espiritualidade que ele consegue com a natureza. Ele (o pajé) passa por uma transformação, ele passa por um processo de estudo também, com a natureza. De preferência tem que ser solteiro, não pode ter namorada, relacionamento. Ele vai ter só o professor dele, outro pajé, aí ele vai ter um lugar reservado no mato, ele vai para o mato, lá é feito um banquinho para o cara que vai ser pajé. Quem faz todo esse processo é o professor dele, o pajé velho, o anterior. Ele faz um banquinho de um rolo de pau ou um girauzinho (uma área que fica fora da casa feito de madeira, palmeira) pra ele se sentar, ele leva água e folha pra mascar, essas duas coisas. A folha é chamada de kapupara (planta). Ele vai estar lá o dia todo, coloca um pouco na boca e fica remoendo aquilo. É só ali naquele canto, sem sair, só escutando. O que ele pode fazer é beber uma água”.

Nessa parte da história cosmológica percebe-se o início de escolha e dificuldade que um dos indígenas da comunidade teria que passar, para que se pudesse conseguir adquirir os conhecimentos de um pajé. Observando tudo que estava ao seu redor.

“Ele é aconselhado para que qualquer remorso que sentir, ouvir, não olhar. Então ele vai ficar ali, do jeito que o professor dele deixou, vai estar lá, vai estar só mastigando aquela folha. Caso ele escute algum barulho atrás, tem que mastigar bem as folhas, pode mastigar. Vai aparecer, uma personagem. A personagem aparece, quem é essa personagem? Segundo a história de meu pai, que era a história do meu avô, que ele contava para o meu pai, se ele olhar para trás e quando ver o remorso, ele vai se deparar com a onça, mas se ele ficar na posição que o mestre deixou ele ali, quando ele passar para a frente dele, ele vai estar neutro. Então ele vai falar com ele na língua Apurinã. Vão conversar, ele se apresenta como um enfermo, pede para o aluno lá curar ele. O aluno responde, ‘eu não sei de nada, eu não sei de cura nenhuma, eu não entendo o negócio de cura’. O professor fala, você tá bom de fazer uma cura. O personagem fala para o garoto: ‘eu tenho um problema tal e tal. Eu sei que você cura essas coisas’. O cara fica por ali enrolando e ele diz, ‘não, eu sei que você sabe. Se você não quiser me curar, eu sei que você sabe. Você quer ver? Faz isso aqui’. Ele ensina o rapaz. No que ele mexe a boca, diz que a coisa sobe nele, em forma de uma pedra. Então diz para o jovem pajé, ‘isso é uma pajelança’. Aquilo ali é o espírito justamente da onça, que vai ter o poder dele fazer as coisas com aquele mistério”.

O antropólogo Francisco Apurinã (2019, p. 138) já havia registrado em sua pesquisa que:

Como é afirmado em inúmeras narrativas indígenas, recontadas por muitos etnógrafos em seus trabalhos, os animais antigamente falavam. Contudo, devo dizer que muitos deles continuam falando – isto é, se é que posso chamá-los de animais, uma vez que eles, tanto quanto os kusanaty, na verdade vivem em regime de permanente metamorfose, ora se apresentando como gente, ora como animal. Mesmo depois de sua fase vital enquanto gente, os kusanaty continuam vivendo em corpo de animal, porém com os mesmos poderes de antes, e mantendo a mesma relação com sua aldeia. E quando me refiro aos “bichos da mata”, a menção é aos muitos animais que um dia foram gente e hoje conseguem atingir as pessoas com graves doenças; suas vítimas mais comuns são as crianças, por serem as mais vulneráveis.

Então ele recebe aquela pedra, o doente vai olhar e dizer, você disse que não sabia, mas você é o tal. Você tirou essa doença de mim, você tem conhecimento. Parabéns para você. O jovem fala, onde eu jogo isso aqui?. O professor fala, não jogue. Use para você, guarde para você.

O jovem pajé colocou a pedra no busto (abdome) para que pudesse realizar novas curas. Ele encalca aquela pedra e some-se, ele se despede e já vai embora. Isso, ele vai fazer por várias vezes durante o mês. Passado já um mês, terminou o mês naquele processo.

Em outro mês, já entra com outro processo, ele vai ficar naquele mesmo canto, com aquela cambuquinha (tijela feita de barro), com um pouquinho d'água, com aquelas folhas, é o mesmo ritmo que ele estava lá. Ele só vai para casa, no final da tarde, vem de manhãzinha, trazido pelo professor, ele chega lá, senta-se, e passa o dia lá, só mastigando aquela folha, já se passou o mês.

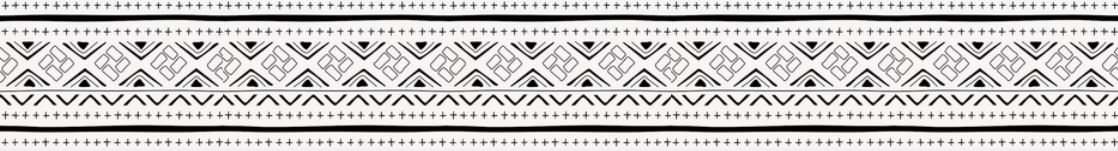
Ele entra no outro processo, ele vai ficar lá, mas tem outra instrução, é aconselhado pelo mestre. O mestre diz, olha, você vai ficar aqui. A história é essa, não vai se assombrar com nada, não se assuste, porque se você se assustar, você não funciona, você tem que ter coragem. O pajé velho diz, agora não vai vir mais nada por trás de você, não vai vir mais nada assim. Você vai ouvir de longe. O que vier, você não tenha medo. Seja firme aqui nessa folha, bota água, bota na bochecha e mastiga bem. Porque é uns animais que vão vir, tá bom?. Ele fica lá, já passados alguns dias, cinco dias em diante do mês que ele começou.

O novo pajé vai estar lá e vai escutar o latido de cachorro, como se estivesse correndo atrás de algo. Ele se apressa para fazer espuma daquela folha que ele está mastigando também. Porque se ele não se importar com aquilo, aqueles animais, aqueles cachorros, pode se transformar em animais diferente e devorar ele, quanto mais ele mastiga e se esfregar com aquela água, com aquela folha nas mãos, o bicho vai vir. Quando os cachorros vêm, o jovem vai estar naquele processo, ele não se apavora.

Os cachorros, quando chegam, em vez de querer tragar ele, eles se embriagam com aquela folha e aquela água. Ele não pode pegar nele porque ele está mastigando também, o cheiro daquela folha não deixa o bicho ferir ele. Então todos eles ficam embriagados ali, sem efeito. Logo depois lá vêm o dono gritando, pouco depois ele chega. Chega em forma de pessoa.

Ele fala com ele. Pergunta o que ele está fazendo. Ele está ali curtindo só a vida e tal. Não, eu sei que você está fazendo alguma coisa aqui. Eu ando lutando pela vida, o jovem responde. O homem fala, eu estou cheio de problemas, de doença, eu estou doente e você vai ter que me curar, você está no processo de aprendizado. Ele responde para aquela imagem de pessoa, então tá.

A imagem em forma de pessoa se apresenta de novo, eu estou doente e tal, não sei o que é, dói em todas as partes do meu corpo. O pajé jovem vai e mete a boca de novo. Quando ele mete a boca, a pedra some de novo, que até engasga, ele joga fora. A imagem fala, ah, você é bom curador, sempre estarei vindo. O pajé velho fala, esse espírito vai ficar durante o mês todo, o segundo mês, vai estar vindo outro, cada um tem características diferentes. Um tem o cabelinho duro, o cabelo duro e o bigode duro, que é o símbolo da onça, é o timbre da onça, porque a onça tem o bigode duro, vem o outro com a carinha chata.



O que vem primeiro é a carinha chata, nariz não é afilado e tal, não tem barba, não tem nada. Ele vai curar ele, vai chupar a pedra, do mesmo jeito que fez com o primeiro. O velho pajé fala, guarda a pedra como você. Isso aqui é sua defesa. Isso é pra quando alguém for atingir você.

Nessa transformação do novo pajé, tinha todo um ritual, todas aquelas pedrinhas que eram retiradas serviam como proteção, ninguém batia nele porque se você batesse nele, aquela arma dele era uma defesa.

Segundo na língua do branco, na língua portuguesa, aqueles instrumentos que ele estava utilizando ali, se for retirado dele pode enfraquecer ele. Meu pai contava uma história, que ele cansou de ver, é uma pedrinha do tipo breu de jatobá. Meu pai falava isso, pois bem, é dizer que é idêntico àquilo lá, lá dentro, ele bota assim no claro, vê idêntico ao ratinho, aquilo é a onça. É justamente que ele vai ter aquele espírito de onça, que é uma das defesas dele. É de onde ele vai buscar as curas, as ideias, vai enfrentar as coisas mal através dos espíritos. Espírito que está ali dentro.

O outro é uma pedra do mesmo jeito, transparente, diz ele que ele só vê um fiapinho dentro, que é o timbre da sucuriju (cobra). Então ele vai ter aquilo. Caso ele tenha problema de doença de cima da terra, ele entra com o processo da onça. E se for coisa de água, ele entra com o processo da cobra. Então ele vai buscar a cura do povo dele, vai buscar na água, ele vai buscar na terra. Essa história que meu pai contava sobre a questão do pajé. Muitas vezes ele estuda todo processo, ele estuda até três meses. Ele fica separado da família. Estudando meses, ele não permanece mais em casa, porque ele já é aquele povo lá do mundo espiritual.

O meu pai disse que o meu avô saía, via ele até em até certo ponto, depois ele sumia, só escutava ele achando graça, dando risada, mas vai lá que você não sabe onde ele tá. Então, essa é a história que meu pai contava.

Ele ainda contava que, para que voltasse de novo, o pajé deixava uma buzina, assim, de bambu. Por exemplo, se você precisa da presença dele amanhã, você deveria pegar o buzina um dia anterior e buzinava, dava três buzinadas. No outro dia, cedinho, você escutava do jeito de um trovão, um estrondo, todos tinham que estar preparados. E quem vai se preparar para pegar ele, de preferência tinha que ser jovem, solteiro, que não tenha contato com mulher. Ele já vem preparado com material dele, tá lá o rapé, o canudo, o aruazinho (vasilhame que fica com rapé) dele lá, tá lá.

Ele deixa a casa e vai embora sozinho, antes do sol sair. Meu pai contava que olhava assim pro caminho de onde ele foi. Depois lá vinha ele, parecendo aqueles caras quando estão bêbados, cambaleando. Chegava, abria o portão e entrava.

Quando ele ia saindo, dois jovens tinham que pegar ele, enquanto um pegava o outro assoprava um canudo cheio de rapé, assoprava na venta dele depois soltava, outro pegava e assoprava no outro buraco da venta dele, o pajé arreia (caia no chão), passa alguns minutinhos, enterrava os pés, sentava e pedia água para beber, ele falava que não trazia nada, mas ele trazia só que ninguém vê quando ele vem chegando, ninguém vê, mas muitas vezes ele traz maracujá, caju na mão, ele só é de boa com quem ele quiser, ele dá os cajús para turma dele chupar.

Essa história do pajé que meu pai contava. História que eu tenho conhecimento. Quando o pajé está preparado ele é assim, três meses ele não fica em casa, ele fica mais lá floresta. Quando ele chegava, ele perguntava para a esposa o que o pessoal está querendo, porque ela mandou chamar ele, porque só ela tem autorização para mandar buzinar. Ele perguntava, quem foi que mandou me chamar? Ela vai e responde, o fulano está doente, ou então, nós estamos passando muita necessidade, nós estamos com fome e nós não temos comida.

Ele fala, tá bom vamos dá um jeito, cadê o pessoal da comunidade?', ela responde, estão por aí. Chama eles para podermos conversar, para saber o que realmente eles querem. Alguém comenta, ah, meu tio, nós queremos comer, nós estamos com fome, nós não temos mais rango, nós queremos comer peixe. O pajé fala, então tá bom, daqui a pouco você vai lá na beira do rio, olha lá como é que tá a situação. De vez em quando o cara vai lá e observa quem tem peixe fazendo tchum, tchum, tchum, tchum, no meio do igarapé. Tem um peixe pegando na espuma do rio (quando o peixe está boiando fica na superfície da água). O pajé diz, vocês então podem mariscar. Quanto menos se espera, aparecem os matrinxãs e todos pegam esse peixe à vontade.

Os rapazes convidam todos da comunidade, vamos lá, o pajé fala, pode pegar o peixe que quiser, enche, abastece a comunidade. Ele só interessa por um pedaço de matrinxã muquinhada, só o que lhe interessa, o restante podem comer. Do mesmo jeito, se por acaso a turma disser, hoje nós queremos comer carne. Ele responde, vocês que sabem, vocês têm coragem de enfrentar a caça, as queixadas?. Os rapazes respondem, ah, nós temos. Então tá bom, daqui a pouco vão lá no aceiro, vocês escutam lá o que tá acontecendo, a hora que vocês ouvirem alguma coisa, as queixadas, não tenham medo, só atirem para matar, não vão atirar adoidados que eles não são brabos.

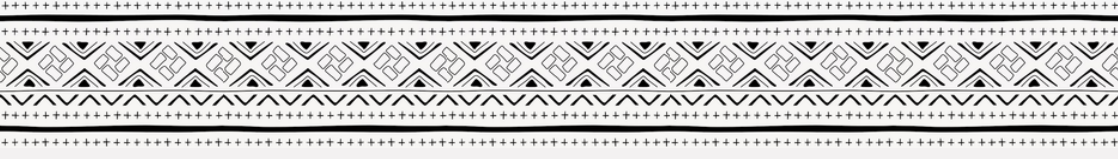
Os armados foram lá, atiraram o tanto que eles quiseram, mataram alguns. O pajé perguntou, vocês atiraram em quantos?. Um deles respondeu, eu atirei em um mas não encontrei. O pajé explicou, fica quieto, amanhã você vai e o seu porco vai estar caído, você pega a trilha deles e vai lá, tem uma passagem. O pajé indica tudo, tem uma madeira lá, um pau velho caído, você olha firme, à direita, à esquerda, tem um pau de sapopemba (parte da raiz de uma árvore, com protuberâncias a depender do tamanho da árvore), um galho de pau. Ele dá todo o detalhe, chega lá, tá lá o seu porco, pode buscar. Agora quando o cara atira e não feriu o porco para matar, ele diz, não vá não, que ele vai embora, ele vai ficar bom. Então esse é o processo que eu sei do indígena Apurinã que era pajé na época, que hoje eu não vi mais isso, segundo essas histórias. Eu não vi mais.





Desenho de Francisco Filho

Em seu relato, os membros da comunidade mencionaram que o pajé tinha a função de cura e, para isso, precisava se preparar na floresta com seu mestre espiritual. Esse treinamento envolvia um profundo relacionamento com as plantas medicinais e com os espíritos da floresta, os quais conferiam ao pajé o poder de cura. Langdon (1996), em seus estudos sobre o xamanismo na Amazônia, descreve o pajé como uma figura mediadora entre o mundo físico e o espiritual, sendo capaz de atravessar dimensões para buscar conhecimento e auxílio dos espíritos.



Muitas vezes, o pajé realiza longos períodos de preparação na floresta, onde entra em contato com plantas medicinais e com os espíritos que o guiam. Segundo Viveiros de Castro (2014), o xamanismo amazônico pode ser definido como a habilidade de certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais e adotar a perspectiva de subjetividades de outras espécies. Para os Apurinã, o kusanaty é compreendido como um ser dotado de habilidades que lhe permitem viajar pelos quatro cantos do mundo, seja em seu próprio corpo ou no de outro ser vivo, podendo ser visto ou não, tanto em vida quanto em espírito, em estado de vigília ou de sonho (Apurinã, 2019).

Ele detém os códigos e técnicas necessários para se comunicar e interagir com os espíritos, humanos e não-humanos. Seus poderes são considerados ilimitados, tornando-o a figura mais importante entre os Apurinã (Apurinã, 2019).

7. CONTRIBUIÇÕES DOS SABERES INDÍGENAS PARA O MUNDO DOS BRANCOS

Escrever este livro paradidático foi uma experiência emocionante por saber que estarei contribuindo juntos com as (os) colaboradoras (es) para divulgar o conhecimento do nosso povo. Pode-se perceber que a cosmologia do povo Apurinã ultrapassa as barreiras de um novo conhecimento da vida, a história narrada por cada participante, e a minha, está entrelaçada com o tempo nas comunidades e convívio dos ribeirinhos. Nossa cultura por mais que tenha sofrido com a interferência dos brancos, vem se estruturando e se adaptando com a sociedade, pode-se aqui enfatizar que cada etnia tem uma cultura diversificada, não se pode afirmar que todos têm os mesmos conhecimentos. Os povos indígenas têm uma gama de histórias e conhecimentos a serem valorizados pela população não-indígena.



Aqui os colaboradores compartilharam valiosas contribuições e deixam uma mensagem importante para aqueles que não pertencem à sua cultura.

José Inácio nos alerta que *“os saberes indígenas podem contribuir em todas as áreas do universo: meio ambiente, saúde, pesquisa da ciência”*.

João Baiano e Francisco Marques nos ensinam que *“o uso de plantas medicinais pode contribuir para bem estar dos brancos, e que podem produzir vários tipos de remédio para nossa saúde”*.

Enfatizando a importância do respeito às tradições indígenas, ressaltando que a diversidade cultural enriquece a sociedade como um todo. Assim deixam uma mensagem:

Que os brancos entendam que nós indígenas somos ser gente, iguais a eles. Que cuidamos da floresta e dos rios, para que não vem acabar em futuro. Tenham respeito a nosso povo que a milhares de ano cuidado sem agredir a natureza (João Batista da Silva, 76 anos).

Que o homem branco entenda que nós indígenas somos ser humanos, iguais a eles. Com mesmo direito democrático em todas as áreas da vida (Francisco Marques, 62 anos).

Uma vez escutei um deputado falando sobre os direitos dos indígenas, sobre alguns artigos que os brancos não poderiam tirar. Nem o artigo 231 e nem o 232 da Constituição Federal porque os indígenas só tinham direitos a esses dois artigos, e os brancos mais de 300 artigos, então era bom que os brancos respeitassem esses artigos que dão direito aos indígenas. (José Inácio da Silva, 68 anos).

Que eles respeitem o pouco da cultura que ainda existe nos povos indígenas. Que respeite nossos direitos, cultura e a natureza (Maria Elza, 69 anos; Maria Batista Apurinã, 56 anos e Angelita Feliciano, 64 anos).

As falas são um chamado para que os não indígenas aprendam com esses saberes milenares, ao invés de destruí-los.

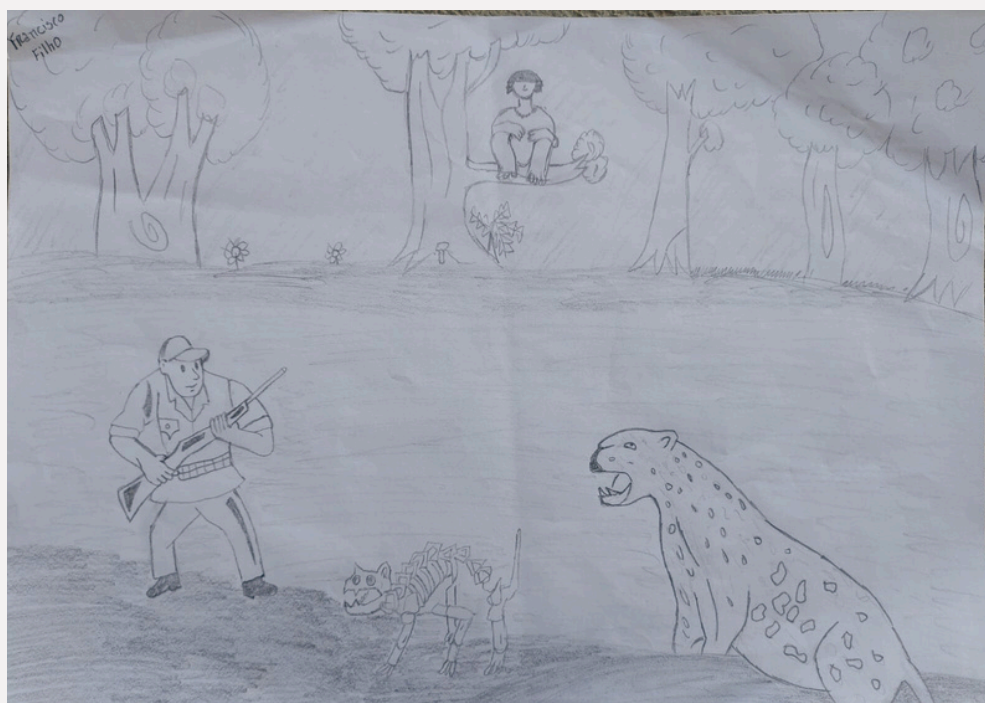
O homem é capaz de destruir a história que traz a realidade de um mundo ainda desconhecido pela sociedade. Sobre a origem da vida até hoje buscamos de fato entender, temos várias teorias. A ciência e a religião buscam trazer esse conhecimento, vendo cosmologia ou espiritualidade dos povos originários, parece que estamos navegando, sonhando e chegando mais próximo do que queremos e, ao mesmo tempo tão distante de compreender de fato nossa existência. Então estamos convivendo em mundo cosmológico.

A narrativa Apurinã, como parte da sua cosmossociologia, oferece um universo que vai além das perspectivas do saber, característica da sociedade ocidental, ela integra a natureza, a espiritualidade e as relações humanas. Ao trazer essas narrativas para o contexto da EPT, cria-se a oportunidade para que os estudantes e educadores compreendam o princípio da omnilateralidade, que propõe o desenvolvimento integral do ser humano em suas dimensões intelectual, prática, ética e cultural. Essa abordagem permite desconstruir o eurocentrismo, incentivando uma educação inclusiva que equilibre saberes técnicos e tradicionais, promovendo valores como reciprocidade e respeito, fundamentais para uma sociedade mais justa e sustentável.



*Nada se destrói diante de um olhar da natureza
Tudo se constrói diante do olhar da natureza
O homem destrói seu próprio habitat
A natureza constrói esse habitat de tantas riquezas
Onde pode viver tantas biodiversidades,
Se a natureza é destruída
Tudo pode se tornar um dilúvio
sem conhecimento do tamanho da destruição.*

Antonio P. Sobrinho



Desenho de Francisco Filho

REFERÊNCIAS

APURINÃ, Francisco. **O Mundo dos Kusanaty e a Cosmologia Apurinã**. Campos, v. 17, n. 2, 2016.

APURINÃ, Francisco. **Do licenciamento ambiental à licença dos espíritos os “limites” da rodovia federal BR 317 e os povos indígenas**. 2019. 228 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

APURINÃ, Francisco. Um olhar sobre o cosmos a partir da perspectiva indígena e as consequências da fricção entre os humanos e os não humanos. **Emblemas**, v. 17, n. 1, 14 - 35, jan. – jun. 2020.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A Educação Profissional e Tecnológica nos interroga. Que interrogações? **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 3, n. 1, p. 5-18, 2019.

FRIGOTTO, G. & CIAVATTA, M. (2012). Trabalho como princípio educativo. In: Salete, R., Pereira, I. B., Alentejano, P. & Frigotto, G. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 748-759

IBGE. **Lábrea População**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/labrea/panorama>. Acesso em: 05/05/2022.

ILUSTRAÇÃO de Jaidier Esbell. Disponível em: <https://xapuri.info/mundo-xamanico-apurina-parte-i/>. Acesso em 17/01/2025.

ILUSTRAÇÃO de Eron Teixeira. Disponível em: <https://olimpiareisresque.blogspot.com/2014/06/os-ninhos-do-japiim.html>. Acesso em 17/01/2025.

IMAGEM do Rio Purus. Disponível em:
<https://pt.aguasamazonicas.org/bacia/bacias-principais/purus>. Acesso em 17/01/2025.

IMAGEM de Comunidade Ribeirinha. Disponível em:
<https://1000dias.com/ana/comunidades-amazonicas/>. Acesso em 21/01/2025.

IMAGEM de Seringueira. Disponível em:
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/ciclo-da-borracha.htm>. Acesso em 21/01/2025.

IMAGEM de Lábrea. Disponível em:
<https://portaldamazonas.com/municipio-de-labrea-a-princesinha-do-purus-no-amazonas/>. Acesso em 19/12/2024.

IMAGEM de rodovia de Lábrea. Disponível em:
<https://idesam.org/estudo-mostra-impactos-da-br-319-em-municipios-do-amazonas/>. Acesso em 20/01/2025.

IMAGEM de Medicina Indígena. Disponível em
<https://bvsmms.saude.gov.br/projeto-promove-reconhecimento-da-medicina-indigena-no-brasil/>. Acesso em 20/01/2025.

IMAGEM de Macaco Parauacu. Disponível em:
https://www.mundoecologia.com.br/animais/macaco-parauacu-caracteristicas-nome-cientifico-e-fotos/#google_vignette. Acesso em 20/12/2024

IMAGEM de Pássaro Cancão. Disponível em:
<https://www.portal.zoo.bio.br/media539>. Acesso em 21/01/2025.

IMAGEM de Fruta Pitomba. Disponível em:
<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ser-saude/pitomba-conheca-os-beneficios-e-a-origem-da-fruta-1.3128447>. Acesso em 21/01/2025.

IMAGEM de Indígenas, Terra e Água. Disponível em <https://comin.org.br/wp-content/uploads/2022/12/SPI-2023-423x375.png>. Acesso em 21/01/2025.

IMAGEM de Árvore de Jatobá. Disponível em: <https://www.tecnologiaefloresta.com.br/2016/06/30/jatoba/>. Acesso em 21/01/2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas do Brasil: Línguas**. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas#Troncos_e_fam.C3.ADIas. Acesso em: 11/12/2024.

RIBEIRO, ECS; SOBRAL, KM; JATAI, RIP. **Omnilateralidade, politécnica, escola unitária e educação tecnológica: uma análise marxista**. I JONGG – JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI / VII JOREGG – JORNADA REGIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI . Fortaleza CE: Universidade Federal do Ceará : 1 – 11 p. 2016.

SOUZA J, J. **Marx e a crítica da educação: da expansão liberal democrática à crise regressivo-destrutiva do capital**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

TASSINARI, Antonella M. I. Sociedades Indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural. In: SILVA, Aracy L. da; GRUPIONI, Luiz D. B. **A Temática Indígena na Escola**. Brasília: MEC/MARI/ UNESCO, 1995.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Araweté: os deuses canibais**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, p. 115-144, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Viveiros de. O nativo relativo. **Mana**, v.8, p. 113-148, 2002.



O trabalho **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Contribuições do povo Apurinã para a Educação Profissional e Tecnológica**, de Antônio Pereira Sobrinho, Lediane Fani Fêlzke e Sandra A. F. Lopes Ferrari está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.